



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.498 de 27/04/76

Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/86

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

Charlene Jose de Brito



Serviço de Integração de Migrantes – Cerimônia de Inauguração

Presença Protestante Progressista em Feira de Santana: um Trabalho Ecumênico de Ação Social (1970 -1990)

Feira de Santana
2008

Charlene Jose de Brito

***Presença Protestante Progressista em Feira de
Santana: um Trabalho Ecumênico de Ação Social
(1970 -1990)***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito
para obtenção do grau de
Licenciada em História, sob
orientação da Prof^ª Dr^ª Elizete da
Silva.

Feira de Santana
2008

Charlene Jose de Brito

***Presença Protestante Progressista em Feira de
Santana: um Trabalho Ecumênico de Ação Social
(1970 -1990)***

Monografia para obtenção do grau de Licenciada em História pela Universidade
Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana, _____ de _____ de 2008

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª Elizete da Silva – UEFS/UFBA

Prof Mestre Igor Gomes Santos – UEFS

Prof^ª Mestre Nacelice Barbosa Freitas – UEFS

*eu sou de partir
e quando parto é que chego
sou um bebê de escorrego
que veio se despedir*

*nasci, chorei, vim
como se morresse, risse, fosse...
não sei quem me trouxe
ou lembrou-se de mim*

*já que, bom mesmo, é ir
ir deixando as dores
de amores arriscados*

*sem volta, sem fim,
até que tardem, mas cheguem,
estradas em mim.*

*[adeus de chegada – Moacir
Eduão]*

*“O homem não faz a história por sua vontade própria, mas a
faz mesmo assim” [Rosa Luxemburgo – Folheto Junius]*

AGRADECIMENTOS

Foram tantas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para que esse pequeno esforço reflexivo pudesse existir. Começo falando da professora Elizete da Silva, pessoa fundamental, não apenas para esse trabalho, mas em toda a minha humilde vida acadêmica. Ela soube melhor que ninguém, elogiar-me, criticar-me, e chamar a minha atenção, nas horas certas, sobretudo, pelas inúmeras vezes em que usei o termo ‘Igreja’, ao invés de ‘denominação’. Ou ainda, soube pressionar-me para escrever, entregar trabalhos... E sempre disse que eu só agia sob pressão. É duro admitir, mas ela sempre teve razão. Todos os agradecimentos a esta mulher, profissional competente, ainda são poucos, diante da paciência que ela teve comigo – uma grande e eterna PERDIDA. Obrigada por ter feito parte da minha vida, por ter confiado em mim, nos momentos em que nem eu acreditava.

Aos meus pais, D. Janice Brito e o Sr. Juarez Brito. Sem vocês eu não seria nada, se é que eu sou alguma coisa. Sem a ajuda e compreensão dos dois, esses anos de academia, de pesquisa, não seriam possíveis. E sei que mesmo longe, nunca pararam de torcer por mim. À Gabriele Brito, essa pessoinha, tão menina ainda, capaz de desconcertar-me. Minha pequena, perdõe-me por ser uma mãe ausente, por estar longe, por não compartilhar os momentos de alegria da sua vida. Mesmo com toda a distância que nos separa, estamos ligadas por laços de afeto, carinho, ternura. Amo-te, imensamente.

Ao meu irmão e irmãs, em especial à Carolina Dourado, ela foi quem desempenhou um papel de terceira mãe para minha filha. Quem esteve todos os dias acompanhando-a, nas atividades da escola, nas festinhas, ao médico, aos ensaios dos querubins... durante toda a minha graduação. Sempre disposta a ajudar, sem contar o apoio que me deu e ainda me dá. Aos colegas da Casa de Estudantes de São Gabriel, Zenaide Dourado e Andson Barreto. Ambos estiveram presentes durante os quatro anos em que residi em Feira de Santana. Dividimos a mesma casa, os mesmos problemas, angústias e alegrias. Brigamos diversas vezes, reconciliamos inúmeras também. Foi um tempo de aprendizado. Ainda bem que eu tive vocês!

Não posso deixar de enfatizar a importância da professora Lucilene Reginaldo. Apesar dela não ter acompanhado esse novo projeto – classifico-o como novo, considerando o anterior que fui desenvolvendo durante as Oficinas de Pesquisa em

História I, II, III e IV – de perto, muito do que foi feito nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)¹ I e II, também foi fruto do que aprendi com ela. Sempre responsável, competente, e ao falar da pesquisa demonstrava tanto entusiasmo que acabou por contagiar parte significativa dos alunos do 2004.1. Creio eu, que se na minha turma de graduação, quase todos têm projeto e interesse pela pesquisa, isso se deu graças à influência dessa pesquisadora. Soube trabalhar com responsabilidade e competência, cada etapa de um projeto, falando com jeitinho, mas com propriedade, para não desanimar a gente.

Ao professor Rossine Cruz, por abrir uma exceção e incluir-me na sua agenda, tão complicada, principalmente às vésperas da campanha para Reitoria. Pelas dicas e conselhos e por direcionar-me.

Aos colegas de turma que compartilharam as angústias do Currículo Novo, os primeiros passos como pesquisadores (as) e àqueles que por inúmeras vezes pararam para escutar-me. Alguns mais que outros, participaram mais de perto desse processo e vivenciaram os mesmos problemas, entre eles destaque: Flávio Dantas, Rafaela Gonzaga, Juciane Cerqueira, Daniela Silva, Carlos Alberto, Anderson di Rietti, Flaviane Nascimento, Flávia Renata e Emanuela Bethânia.

À Elizaide Pereira e Pedro Nascimento, pelas vezes que hospedaram-me em sua casa em Salvador, quando eu tinha encontros com os meus sujeitos de pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca do Museu Casa do Sertão, da Biblioteca Municipal de Feira de Santana, do Seminário Teológico Batista do Nordeste e do Instituto de Educação e Desenvolvimento. Aos que gentilmente, aceitaram falar das suas experiências, como o Reverendo João Dias de Araújo, Reverendo Josué da Silva Mello, professora Tecla Mello e o professor Raimundo dos Santos.

Aos colegas do Centro de Pesquisas das Religiões e ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) por proporcionar-me, por duas vezes, uma bolsa que contribuiu sobremaneira no andamento dessa pesquisa.

À todos que colaboraram e que não foram citados aqui.

Muito Obrigada!

¹ O significado das abreviaturas só aparecerá no texto uma vez. Em seguida utilizaremos apenas as siglas.

RESUMO

O objeto de estudo dessa monografia é o trabalho social desenvolvido pelos Presbiterianos Progressistas em Feira de Santana em favor de Mendigos e Migrantes na Associação Feirense de Assistência Social (AFAS) e no Serviço de Integração de Migrantes (SIM), bem como a forma que a ética protestante dos Presbiterianos entremeava e influenciava nos trabalhos de escolarização, capacitação profissional e integração do homem-migrante na comunidade feirense. Nosso recorte cronológico são os anos que vão de 1970 a 1990 e abarca todo um contexto de mudanças sócio-econômicas-religiosas que ocorreram no País e em Feira de Santana, sobretudo durante o Regime de Exceção. Apesar de abordarmos a AFAS, a análise principal dá-se nas atividades desenvolvidas pelo SIM.

Palavras-Chaves: Protestantismo, ecumenismo, migração, trabalho

ABSTRACT

The object of study this monograph is the social work developed by Presbyterian Progressist in Feira de Santana in favor of Beggars and Migrants in Feirense Association of Social Assistance (AFAS) and the Migrants Integration Service (SIM), and the way that the ethics of Protestant Presbyterian influenced the work of education, job training and integration of man-migrant community in feirense. Our time is clipping the years ranging from 1970 to 1990 and covers an entire context of changing socio-economic-religious that occurred in the country and in Feira de Santana, especially during the Regime of Exception. While addressing the AFAS, the analysis takes place in the main activities of SIM.

Keywords: Protestantism, ecumenism, migration, work

.

ABREVIATURAS

AFAS – Associação Feirense de Assistência Social;
AP – Ação Popular;
ARENA – Aliança Renovadora Nacional;
BCJC – Biblioteca Central Julieta Carteadó;
BSCS – Biblioteca Setorial Casa do Sertão;
CIA – Centro Industrial do Aratu;
CIS – Centro Industrial do Subaé;
CMI – Conselho Mundial de Igrejas;
COPEC – Complexo Petroquímico de Camaçari;
COPLAN S.A – Construções, Planejamento;
CPR – Centro de Pesquisa das Religiões;
INED – Instituto de Educação e Desenvolvimento;
IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil;
IPU – Igreja Presbiteriana Unida;
LBA – Legião Brasileira de Assistência;
PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado;
PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica;
PSP – Partido Social Progressista;
SIM – Serviço de Integração de Migrantes;
SEFAM – Sociedade Evangélica de Assistência aos Mendigos;
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial;
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo;
SESI – Serviço Social da Indústria;
SETRABES – Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social;
STBNe – Seminário Teológico Batista do Nordeste;
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste;
TFP - Tradição, Família e Propriedade;
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso;
35° BI – 35° Batalhão de Infantaria - Batalhão Luiz Barbalho Bezerra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 PROTESTANTISMO NO BRASIL E EM FEIRA DE SANTANA:	
INTRODUÇÃO E EXPANSÃO	18
1.1 “Os Reinos deste Mundo”: a presença dos ‘bíblis’ no Brasil	18
1.2 “Ecumenismo é vivência evangélica”	26
1.3 Presbiterianos e Batistas: dissensões e aproximações	29
 FEIRA DE SANTANA: UMA PRINCESA NO SERTÃO	
2.1 “Feira, um pólo de desenvolvimento”	37
2.2 Migração e Mendicância: Consequências do Progresso.....	44
2.3 Ação Presbiteriana proporciona um outro aspecto à “Grande Feira”	49
 UM “SIM” PARA A INCLUSÃO SOCIAL	
3.1 Primeiros esforços ecumênicos em Feira de Santana.....	54
3.2 Quando a ajuda é demais, os “Migrantes” desconfiam	63
3.3 “Um dia a gente pode subir a escada”	64
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
FONTES	775
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Os primeiros passos dessa pesquisa foram dados no Centro de Pesquisas da Religião (CPR). Comecei a freqüentar o núcleo impulsionada por um outro tema, também ligado à religião, no entanto, voltado para festas populares. Levei o estudo até o quinto semestre da graduação. Mas, por algumas eventualidades, fui levada a mudar totalmente os meus sujeitos de análise. Considero que esse estudo tenha iniciado, de fato, em dezembro de 2006, quando procurei a professora Elizete da Silva e relatei a minha situação. Precisava de uma orientadora e não tinha e nem conhecia praticamente nada sobre o universo protestante, mas, estava disposta a aprender. Sabia que tinha pouco tempo pra apresentar um problema e que não seria nada fácil. Ela emprestou-me alguns materiais, inclusive a “Mimosa” – sua tese de doutoramento, e deu-me um pequeno prazo para pôr no papel uma intenção de pesquisa.

Em janeiro de 2007, apresentei-lhe, mais ou menos, o que eu queria analisar. Cheguei, cheia de receios, achando que a minha proposta seria inviável ou absurda. O interesse inicial era perceber se havia uma predileção pela mão-de-obra protestante no CIS. Comecei influenciada pelo processo de transição da sociedade feudal para a capitalista na Inglaterra do século XVIII, em que os protestantes metodistas desempenharam um papel importante na disciplinarização da classe operária nascente. Como em Feira de Santana, no século XX, os protestantes progressistas realizaram trabalhos ligados a capacitação da mão-de-obra migrante, despertou-me o interesse de conhecer, um pouco, sobre a realidade feirense.

Apesar de não ter tanta afinidade com o mundo industrial feirense, a professora Elizete da Silva não me desencorajou em nenhum momento. Aconselhou-me a procurar o professor Rossine Cruz, doutor em economia e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para saber da viabilidade do projeto. Ele que teve contato com o material do Centro Industrial do Subaé (CIS), poderia informar-me se na documentação havia a religião dos trabalhadores declarada. Após uma longa conversa, ele não disse que o trabalho seria inviável, no entanto, corria o risco, que toda intenção de pesquisa passa, no início, de deparar ou com uma infinidade ou com fontes insuficientes para o prosseguimento da mesma. Mas, havia um outro caminho que, certamente, seria menos arriscado. Começar pelo Serviço de Integração de Migrantes

(SIM). A minha primeira pergunta, ingênua, mas normal para uma pessoa que desconhecia totalmente o meio protestante feirense: O que é o SIM? Ele, com muita paciência, explicou-me o que era essa entidade, quando foi criada, qual a finalidade, etc; e disse-me que a professora Elizete da Silva poderia esclarecer melhor.

Saí da conversa, mais PERDIDA do que nunca. Ao relatar todo o encontro com Rossine Cruz à Elizete da Silva, ela entregou-me o Projeto do SIM e mais uma vez deu-me um pequeno prazo para leitura e reajuste do tema que havia sido proposto. Apresentei-lhe a proposta, dias depois, e a partir do seu aval, comecei imediatamente com as leituras e com a pesquisa. Eu tinha pouco tempo pra buscar as fontes, era necessário, no início do semestre 2006.2 estar com um número significativo de documentos catalogados e com algumas leituras feitas, para dar início ao TCC I e, até mesmo, para conhecer o universo e sujeitos de pesquisa. O tema que foi proposto como intenção de pesquisa para o TCC I, também foi utilizado na seleção do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC), e felizmente fui contemplada com uma bolsa, o que facilitou e tem facilitado a investigação.

Foram dias difíceis, na verdade, ainda são. Durante todo esse período, de erros e acertos, a professora Elizete, embora muitas vezes sobrecarregada de trabalho, sempre teve paciência comigo. Nos momentos em que eu excedi os prazos ou entreguei textos em cima da hora e nas inúmeras vezes em que não empreguei o verbo no passado. Com o empenho dessa pesquisadora, acabei descobrindo os encantos do universo ecumênico e do meio feirense. A cada achado que era feito, a cada passo certo, muitas alegrias. Quando as coisas não aconteciam como eu imaginava, ela também aparecia, falando da normalidade dos descompassos e angústias da pesquisa. Confesso, foram mais alegrias que tristezas. E até dei risadas quando escrevia alguma barbaridade e Elizete perguntava-me: Você está doida? Ou ainda quando eu chegava toda impaciente e ansiosa, fazendo várias perguntas ao mesmo tempo e ela dizia: Charlene, calma. Você quer me endoidar?

Para esse estudo, fizemos um recorte na intenção inicial e optamos por analisar o trabalho realizado pelo SIM, na capacitação profissional dos migrantes que chegaram à Feira de Santana, em meados dos anos de 1970, atraídos pelas possíveis oportunidades de emprego que a industrialização poderia proporcionar. Buscamos perceber a influência que a ética protestante exercia no processo de preparação da mão-de-obra para o mercado industrial feirense e regional. Como dava-se a escolarização e

treinamento profissionalizante, a metodologia que era utilizada nessas duas etapas pelas quais os retirantes teriam que passar, caso optassem pela entidade. Apesar de ter o SIM como foco principal, não deixamos de abordar, embora rapidamente, e não da forma devida, um pouco do que os presbiterianos ecumênicos fizeram pelos mendigos na Associação Feirense de Assistência Social (AFAS). Até por considerarmos impossível falar do SIM, sem mencionar a AFAS.

Em relação ao período escolhido, este abarca um tempo marcado pela presença ou pela herança recente de militares na direção política do País. Trata-se dos anos que vão de 1970 a 1990, portanto, dá conta de quinze anos dessa fase conturbada, de perseguições, repressões, conflitos ideológicos, etc. Os limites cronológicos desse trabalho além de abarcarem o contexto do golpe pós 1964 assinalam os primeiros momentos em que os protestantes presbiterianos ecumênicos começaram a desenvolver projetos de ação social na cidade de Feira de Santana voltados para a capacitação profissional de mendigos e migrantes. Fenômenos como o da mendicância e da migração foram uma grande preocupação desses ecumenistas.

Dentro desse recorte analisado, além das mudanças já citadas, há um agravante que contribuiu para que tais fatos ocorressem. Refiro-me a criação do Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI) de Feira de Santana que proporcionou, posteriormente, o incremento do CIS. O dinamismo econômico gerado após a criação do centro industrial feirense e conseqüentemente, a implantação de novas indústrias no complexo, não foram capazes de proporcionar benefícios sociais à população trabalhadora. Os retirantes que passavam ou estabeleciam-se nesta cidade, em meados de 1970, que não conseguiam empregar-se no mercado de trabalho local, por não possuírem qualificação necessária, terminavam por contribuir com o aumento da população que vivia da mendicância.

O SIM foi a instituição que agiu na tentativa de amenizar os problemas sociais do município, intensificados após o surto industrializante e a chegada de retirantes oriundos do campo, de cidades próximas e até mesmo de outros estados. Criada no início da década de 70 do século XX, seu trabalho estendeu-se até o final dos anos 80. Sendo assim, o recorte abarca toda a fase em que a entidade esteve em ação, bem como o contexto industrial feirense.

O nosso enfoque são os presbiterianos progressistas que chegaram à Feira de Santana por volta de 1960 e desenvolveram trabalhos baseados em uma nova forma de

interpretar as Escrituras Sagradas e de novas concepções teológicas, em que as práticas sociais, ou seja, o papel da práxis na plenitude de uma ação cristã no mundo constituía a verdadeira tarefa cristã. Buscaram aproximações com outros grupos religiosos, na tentativa de realizar trabalhos em prol do social, algumas vezes amigáveis, outras não. Os reformados ecumênicos exerceram uma relação “amistosa” com os católicos, no entanto, nunca conseguiram o mesmo quando reportavam-se aos batistas. Os religiosos ligados à Igreja Romana estiveram fortemente influenciados pela Teologia da Libertação e às transformações sociais, enquanto que os batistas mantiveram sempre uma distância de qualquer movimento ou união em que os católicos fizessem parte do grupo. Sempre houve resistência entre esses evangélicos e foram ínfimas à participação deles, sobretudo nos trabalhos relacionados ao SIM. Neste estudo falaremos um pouco dos batistas e dos católicos, mas sempre enfatizando que o foco principal são os presbiterianos progressistas.

O município referido encontra-se situado Estado da Bahia, a 115 km de Salvador, com uma população de 571.997 habitantes em uma área de 1.363 km².² É reconhecido como um importante centro regional que se destaca como entreposto comercial pela sua localização estratégica. Cortam Feira de Santana três rodovias federais, facilitando o escoamento de mercadorias para o mercado externo e para o Sul do País. Fato que estimulou a industrialização dessa cidade, a partir do processo de desconcentração econômica nacional e integração produtiva do Nordeste.³

Esta pesquisa justifica-se pela carência de estudos sobre o protestantismo na Bahia e em Feira de Santana. Trabalhamos com uma temática, até então, pouco explorada. Na verdade o único estudo sobre o ecumenismo neste município foi realizado pela professora Elizete da Silva em 2007 e este, apesar de mencionar a AFAS e o SIM, não faz uma análise do trabalho que foi realizado por estas entidades, não aborda a fundo a vivência e atividades desenvolvidas. A nossa pesquisa pretende contribuir para a ampliação do conhecimento sobre os protestantes progressistas que atuaram neste município, bem como para um alargamento no campo historiográfico feirense.

² Fonte IBGE *Cidades*. Mais detalhe acesse <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>, contagem da população 2007;

³ Ver CRUZ, Rossine Cerqueira. *A Inserção de Feira de Santana (Ba) nos processos de Integração Produtiva e Desconcentração Econômica Nacional*. Tese de Doutorado, Unicamp, Instituto de Economia, São Paulo, 1999, p. 71 e 99 e FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: Influências da Industrialização (1970-1996)*, Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 1998, p.57;

Quanto ao referencial teórico, utilizamos alguns conceitos desenvolvidos por autores de diversas áreas da pesquisa nas Ciências Sociais e que foram adaptados devidamente para os objetivos desse trabalho. Partindo da pressuposição de que os intelectuais disputam o consenso social e tentam impor suas visões de mundo em “um campo de concorrência” e considerando-se o campo teológico como um espaço fundamental de visão do mundo é que utilizamos da discussão sobre disputas teológicas dentro do “conflitante” campo religioso do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Tendo em vista o contexto de industrialização e modernização que se processava no município de Feira de Santana e da necessidade de se “incluir” trabalhadores de origem camponesa em um cotidiano de rotina capitalista do trabalho onde se subverte a própria concepção de tempo, fez-se de muito valor a inspiração do texto “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial” do historiador inglês Edward P. Thompson, bem como o texto do alemão Karl Marx “A Origem do Capital: A Acumulação Primitiva”, enfatizando o conceito de Acumulação Primitiva. Já que esses migrantes, oriundos do campo acostumados com um ritmo de trabalho diferente – pré-capitalista – tiveram que adaptar-se a um novo modo de produção – o capitalista.

De Weber, em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, utilizamos a concepção de vocação, que busca analisar a presença e atuação do indivíduo no mundo, não mais como uma atividade ascética e individualista que acaba por afastar o homem dos problemas que permeiam a sociedade e sim a posição que este passa a ter nas tarefas deste mundo, nos trabalhos de ajuda ao próximo. A idéia da centralidade do trabalho como vocação para a glória de Deus é um dos fatos abordados nessa concepção de vocação em Lutero, no qual “o cumprimento das tarefas do século sob quaisquer circunstância é o único caminho para satisfazer a Deus, que somente ele, está dentro da vontade de Deus, e que, por isso, qualquer vocação lícita tem o mesmo valor perante os olhos de Deus”.⁴

Percebe-se que esta concepção de vocação está presente tanto nas atitudes dos ecumenistas quanto na ação destes dentro do SIM. Empregamos este conceito na tentativa de entender a forma como era passada e como era apropriada pelos migrantes capacitados pela entidade essa idéia do trabalho como finalidade total e absorvente na vida cotidiana. A centralidade do trabalho como vocação, segundo Weber era uma afinidade eletiva entre o protestantismo e o capitalismo.

⁴ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, 1985, p.54;

Quanto à bibliografia sobre o período em estudo, usamos trabalhos sobre a introdução ao protestantismo no Brasil, industrialização em Feira de Santana, o ecumenismo (movimentos ecumênicos) no Brasil e Bahia, dentre outros. Apesar de haver poucos estudos sobre Feira de Santana, estes têm nos ajudado a compreender o contexto da época, desde o cenário político (governo militar), passando pela urbanização e industrialização da cidade.

As fontes sobre a temática em estudo são diversificadas. Contamos com documentos eclesiásticos e não-eclesiásticos, dentre eles destacamos: os Jornais – Feira Hoje, Batista Baiano – a Revista Panorama da Bahia, as Atas da Convenção Batista, os Relatórios da AFAS e do SIM, os escritos memorialísticos, iconografias e muitos outros.

Por tratar-se de um recorte recente, relativo à História do Tempo Presente, as entrevistas são de extrema importância. Temos a possibilidade de trabalhar com informantes que atuaram no SIM e encontram-se dispostos a contribuir com as suas experiências na entidade e na sociedade feirense para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Vale ressaltar que o tratamento dado às fontes orais requer uma atenção diferenciada, devido às dificuldades, preconceitos e resistências existentes na utilização desse método. Isso não quer dizer que as fontes escritas sejam mais fáceis de manusear, pelo contrário, ambas possuem os seus problemas e especificidades no tratamento. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais eram tidos como fontes subjetivas, por serem extraídos da memória individual, portanto considerados como fantasiosos e falíveis. Mas, atualmente, os estudos relacionados à História Oral ganharam uma nova dimensão, e esse método adquiriu uma credibilidade até então desconhecida. Os campos de investigação foram ampliados permitindo o uso das fontes orais juntamente com as escritas na construção de uma memória mais democrática do passado.

Estudiosos como Paul Thompson – um dos pioneiros da História Oral – mostram que o uso desse método é antigo e compatível com os padrões exigidos pela academia; para o autor

o desafio da História Oral relaciona-se em parte, com a finalidade social que é parte essencial da História. Essa é uma importante razão por que ela

tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tantos outros. Na verdade temer a história oral como tal não tem fundamento (...) a utilização de entrevistas como fonte vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos.⁵

Neste estudo a História Oral é fundamental, sobretudo por registrar o que não é possível de se encontrar em documentos escritos e corre o risco de perder-se.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro, trata da introdução dos protestantes no Brasil e em Feira de Santana. Fizemos um breve histórico da introdução protestante no Brasil, enfatizando a presença Batista e Presbiteriana. Apresentamos o caminho percorrido por estes reformados da sua penetração em um novo mundo “tomado” pelo catolicismo desde a sua colonização. Quais as formas de sobrevivência e aceitação que estes grupos encontraram para sobressair em meio às perseguições e preconceitos. Tentamos trazer para o ambiente da pesquisa, Feira de Santana – Bahia, a presença protestante. A Bahia constituiu em um ambiente ainda mais difícil a penetração evangélica. A comunidade era predominantemente católica, fato que dificultou a conquista de fiéis para as denominações, principalmente a presbiteriana. Entre os batistas, por possuírem um maior fervor evangélico, notamos que houve um crescimento significativo.

Em um segundo momento, observamos as concepções e práticas de progresso e modernidade presentes na sociedade feirense com a implantação do CIS, e quais os impactos que a industrialização trouxe para Feira de Santana, sobretudo o social. Fazemos uma análise do papel do SIM e a atuação dos ecumenistas no propósito de amenizar os agravantes sociais desencadeados com o surto modernizante. E por último, procuramos compreender como dava-se o processo de escolarização e capacitação profissional do migrante dentro da entidade. Buscamos explicar de que forma os ecumenistas realizavam estas atividades e qual o papel da religião na transformação do homem-migrante em operário. E por fim, fizemos algumas considerações, que ainda não são definitivas, pois o que temos até o momento são conclusões inconclusas.

⁵ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 3ª edição, p.21;

PROTESTANTISMO NO BRASIL E EM FEIRA DE SANTANA: INTRODUÇÃO E EXPANSÃO

1.1 “Os Reinos deste Mundo”: a presença dos ‘bíblias’ no Brasil

O protestantismo fez-se presente no Brasil ainda no período colonial. A presença de huguenotes e calvinistas no Rio de Janeiro e no Nordeste, nos séculos XVI e XVII respectivamente, corresponderam as primeiras tentativas de estabelecimento de reformados no Novo Mundo. Esses protestantes foram impulsionados pela expansão do comércio e pelo desenvolvimento da política mercantilista que permeava todo o contexto europeu no período.⁶

A inclusão de um novo grupo religioso em um ambiente até então liderado pela Igreja Católica, não seria aceita tão facilmente. Desde a sua introdução, os franceses e holandeses, encontraram grande resistência por parte dos católicos e dos colonizadores portugueses, ambos preocupavam-se com a ameaça que estes grupos representavam. Para os detentores do monopólio espiritual e comercial “tratava-se do ‘herege invasor’ que buscava, além dos lucros mercantis exclusivos da metrópole portuguesa, desviar o rebanho católico do aprisco pastoral”⁷, até então exclusivo da Igreja Romana. Esses reformados não encontraram espaço de atuação e durante todo o período de permanência no Brasil foram incansavelmente perseguidos e acabaram sendo expulsos.

A instalação sistemática dos reformados no Brasil só se deu a partir do século XIX com a abertura dos portos para as nações amigas. As facilidades concedidas pela coroa portuguesa à Inglaterra, com os tratados de 1810, propiciaram privilégios até então negados aos protestantes. No que tange a ‘flexibilidade’ adquirida após a transferência da Família Real, esta não ia muito além da tolerância de credo. Era uma liberdade restrita, não sendo permitidos cultos públicos, templos com arquitetura eclesiástica ou qualquer fervor evangelístico. A Igreja Católica continuava como religião oficial após a instalação do Império.

⁶ Ver SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana, Trabalho de Pleno, Uefs, 2007, p.31; SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*, 1998, p.24, ARAÚJO, *Inquisição sem Fogueiras (Vinte anos de História da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1954-1974)*. Rio de Janeiro. ISER, 1985, p. 05 e MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, São Paulo, Edições Loyola, 1990, p.12;

⁷ SILVA, 2007, Op. cit., p.31;

Os Anglicanos e Luteranos – ingleses e alemães –, apesar de não poderem expressar sua doutrina por intermédio da instrução e da prédica, possuíam capelas nas quais eram celebrados cultos no seu idioma, realizando “um tipo de protestantismo que se dirigia especificamente para os estrangeiros residentes no País.”⁸ Mesmo com as restrições impostas pela Igreja Católica não permitindo trabalhos de cunho proselitista, há registros de atividades desenvolvidas pela Sociedade Bíblica Britânica em 1810 e posteriormente por norte-americanos com a Sociedade Bíblica Americana em 1816, estas distribuíram as Escrituras Sagradas e Literatura Evangélica pelas principais províncias do Império.⁹

Os reformados que chegaram ao Brasil, após 1808, no período joanino, após as concessões feitas à Inglaterra, vieram com o intuito de comercializar com a colônia portuguesa. Estes protestantes, Anglicanos e Luteranos, “adentraram o País como comerciantes”, e “como pequenos colonos no interior da região sul”,¹⁰ respectivamente. Mas, foi só em 1819, no Rio de Janeiro, e em 1821, na Bahia, que a Igreja Anglicana estabeleceu-se, com o objetivo único de servir espiritualmente aos ingleses que aqui residiam. Entre os Luteranos, encontramos relatos do estabelecimento da primeira comunidade em 1824 em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Ambos fizeram parte da primeira onda protestante, classificada como protestantismo de imigração.

Após este primeiro impulso protestante de estabelecer-se no Estado imperial – ainda de natureza imigratória – também decorrente do incentivo governamental à imigração européia, uma nova leva de reformados começou a chegar ao Brasil logo após a segunda metade do século XIX. Só a partir desse período é que “a população brasileira (...) foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos (...) que vieram com a finalidade explícita de propagar a sua fé.”¹¹ Esses evangelizadores de origem norte-americana, influenciados pelo contexto histórico estadunidense, pela concepção de progresso, modernidade e superioridade política, acreditavam ser designados por Deus a difundir os preceitos religiosos protestantes pelo mundo, chegando à localidades mais atrasadas economicamente e aos povos menos favorecidos.

⁸ Idem, 2007, p.32;

⁹ LEONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Ecclesiologia e História Social*. São Paulo: ASTE, 2002, p.48;

¹⁰ SILVA, 1998, Op. cit., p. 24;

¹¹ MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, Op. cit., p.12;

O trabalho realizado por colportores, na primeira metade do século XIX, na divulgação da mensagem protestante funcionou como um período preparatório que facilitaria a introdução de uma segunda onda de cristãos não-católicos, com um objetivo diferente dos que aqui já haviam se estabelecido. A simples distribuição de Bíblias não era mais suficiente para a difusão da doutrina evangélica. Instalaram-se no Brasil, a partir de 1858, missionários de origem Congregacional, Metodista, Presbiteriana, Batista, Episcopal com intuito de expandir a fé reformada. Apesar de existir polêmicas e conflitos entre evangélicos e católicos, segundo Leonard (2002), não havia por parte dos protestantes uma disputa interna pelo rebanho pastoreado. O que aconteceu foi quase sempre uma relação amistosa entre os grupos.

as diversas denominações, (...) encontraram no Brasil uma obra missionária muito grande a ser realizada de sorte e não se perderam em lutas interdenominacionais, e as suas relações foram, no mais das vezes, de cooperação e amizade fraternal.¹²

Entretanto, sabemos que as relações interdenominacionais não foram tão amistosas assim. Além das velhas querelas com a Igreja Católica, os batistas não poupavam os grupos evangélicos concorrentes. As disputas “pelo controle de áreas de propaganda” entre Batistas e Presbiterianos foram muito intensas na Bahia, “envolvendo, em 1905, as figuras dos missionários Z.C.Taylor e W.A.Walddell”. A única solução ‘unionista’ possível entre esses grupos foi um acordo acertado “na Assembléia Geral das Missões Protestantes, reunida no México em 1888, o que delimitava os territórios de ação dos seus representantes no Brasil”.¹³ A partir das demarcações determinadas na assembléia, as desavenças interdenominacionais diminuíram, mas nunca cessaram de todo. Talvez por Leonard ter feito um trabalho baseado, principalmente no sul e sudeste do Brasil, e desconhecer quase totalmente o universo protestante baiano, tenha feito tal afirmação, hoje superada.

Os grupos que analisamos neste estudo fizeram parte dessa segunda onda de protestantes que vieram para o Brasil, ambos de origem missionária, os Presbiterianos e os Batistas. Este primeiro grupo, desde a sua introdução, dedicou-se mais a camada pobre da população rural, atingindo gradativamente setores médios da sociedade. Sendo fiéis a João Calvino, mantiveram a “tradição protestante da ética ascética como

¹² LEONARD, 2002, Op. cit., p.142;

¹³ TEIXEIRA, Marli Geralda. “*nós, os batistas...*” *Um Estudo de História das Mentalidades*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1983, p.375;

instrumento do progresso econômico social”, revelando sempre uma mentalidade de ascensão social, sobretudo os que faziam parte dos “setores pobres da periferia”.¹⁴ Paulatinamente, essa denominação foi absorvendo fiéis oriundos da classe média ou que conseguiram alcançar esse nível, sendo considerada, na década de 60 e 70 o século XX, conforme Araújo, uma Igreja da elite.¹⁵

Esses missionários também investiram na educação. Fundaram colégios e trabalharam na instrução de seus filhos. Sempre enfatizando o serviço que prestavam alfabetizando os brasileiros (filhos da elite culta), até então, a margem da erudição. O trabalho educacional não deixou de possuir um cunho proselitista, bem como um caráter competitivo em relação aos colégios católicos. Sendo o analfabetismo um dos grandes problemas detectados no Novo Mundo, esses missionários mesmo consistindo uma minoria em território brasileiro, não deixaram de “demonstrar a superioridade do protestantismo e dos ideais de modernização dos seus princípios educacionais.”¹⁶ Fizeram da alfabetização um caminho para a conquista, mesmo indireta, de novos adeptos. Segundo Leonard, essa

fé prática das igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições “para-eclesiásticas”, que ofereciam a vantagem de permitir uma propaganda indireta, contribuindo para a criação de uma “civilização cristã”, se não à realização do Reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente identificado ao sistema econômico dos Estados Unidos. Trata-se de uma prática católica retomada pelo protestantismo americano, enquanto que os grandes reformadores se consagraram quase que unicamente à mensagem religiosa e à evangelização direta. Esta tendência se manifestou no Brasil através da importância considerável que os missionários americanos deram as instituições educacionais e especialmente às escolas secundárias.¹⁷

Apesar de todo o fervor e empenho protestante na criação e manutenção dessas instituições educacionais, Leonard não considerava-as como uma tática de conquista de novos adeptos para o mundo evangélico e sempre viu com ressalvas essa estratégia. Para ele o que havia era mais uma concorrência com os colégios católicos, que até aquele momento era quem possuíam o monopólio educacional, bem como a necessidade de apresentar o protestantismo como “religião” do futuro, já que não obtiveram

¹⁴ MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, Op. cit., p. 37 e 38;

¹⁵ ARAÚJO, 1985, Op. cit., p.121;

¹⁶ SILVA, 2007, Op. cit., p.39;

¹⁷ LEONARD, 2002, Op. cit., p.147;

resultados satisfatórios na atração de setores da elite.¹⁸ Sobre essa hipótese de Leonard, Silva acredita que

as reservas de Leonard quanto aos resultados da estratégia indireta de evangelização, a fundação de colégios confessionais, bem aparelhados, era uma forma de propaganda de suas doutrinas e da pretensa superioridade da civilização protestante anglo-saxônica que orientava esses colégios, em oposição clara aos colégios católicos, considerados obsoletos e com métodos ultrapassados.¹⁹

Percebe-se que o ideal protestante estadunidense ia muito além da conquista de novos adeptos. Há uma séria necessidade de afirmação, ante a hegemonia da Igreja Católica, de apresentar o protestantismo enquanto religião do futuro, do progresso e a única capaz de proporcionar ao mundo subdesenvolvido uma educação que viesse a modificar a realidade econômica da população. Os preceitos desenvolvimentistas norte-americanos soavam tão alto no meio reformado quanto o desejo de difusão do Evangelho.

Entre os Presbiterianos, o grande expoente, o pioneiro na expansão dessa denominação foi Ashbel Green Simonton. Este chegou ao Brasil em 1859, “enviado pela Junta Missionária da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos da América com sede em Nova York” e desenvolveu um incessante trabalho junto à população brasileira, com a criação de cursos para a “alfabetização de adultos”, “organizou a primeira Igreja Presbiteriana no Brasil”, “ordenou o primeiro pastor protestante brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição”, entre outros.²⁰ Apesar de consistir em um período curto de ministério, oito anos apenas, as atividades desenvolvidas por este missionário, influenciaram sobremaneira os novos ministros que administraram o campo presbiteriano brasileiro. Esse primeiro momento marcou a história do presbiterianismo brasileiro como um período de organização e divulgação da fé reformada.

Na Bahia, mais precisamente em Salvador, o presbiterianismo só foi introduzido em 1871 com a chegada do missionário Francis Schneider. Este clérigo presbiteriano teve muita dificuldade, sobretudo por adentrar em um ambiente majoritariamente

¹⁸ LEONARD, 2002, Op. cit., p.133;

¹⁹ SILVA, 2007, Op. cit., p.38;

²⁰ ARAÚJO, 1985, Op. cit., p.5;

católico e por não possuir “o aguerrido espírito proselitista dos batistas, [essa missão presbiteriana] apresentou um fraco crescimento numérico”.²¹

Já os missionários Batistas, tiveram uma posição mais enérgica tanto no processo de evangelização, quanto em sua relação com a Igreja Católica. Os Batistas brasileiros herdaram o conservadorismo dos missionários norte-americanos da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Sendo mais intransigentes em seus princípios e identidade, este grupo atuou com agressividade evangélica e um anticatolicismo revelado no seu propósito de conquistas de novos adeptos, tornando-se entre as denominações protestantes a que mais cresceu desde a sua introdução no País. Assim como os presbiterianos, eles puderam “completar e estender o seu trabalho de evangelização com a fundação de escolas” e colégios de alto nível que educavam os seus filhos e da classe média.²²

O trabalho evangelístico Batista teve o seu início com a chegada dos missionários William Bagby e Zacarias Taylor, em 1881. Fundaram a primeira Igreja Batista do Brasil, em 1882, em Salvador, na Bahia. Atingiram inicialmente alguns Estados do Nordeste e depois o Rio de Janeiro.²³ O intuito desses primeiros protestantes era o de evangelizar e converter pessoas às suas doutrinas. Atraíam as classes populares através do discurso apelativo de ideal de ascensão social predominante na ética ascética protestante, bem como de uma eclesiologia mais simples em relação às demais denominações. Embora apresentassem essa abrangência popular maior dentre os protestantes de origem missionária, e na sua introdução ter lidado com as camadas menos favorecidas da população, não se pode afirmar que foram apenas grupos populares que aceitaram as doutrinas batistas.

Os Batistas e os Presbiterianos, assim como todos os grupos protestantes, quando introduziram-se no Brasil, desenvolveram um trabalho apenas proselitista. Não houve qualquer preocupação em reverter a situação de precariedade em que vivia a maioria da população brasileira. Não se preocupavam com as questões sociais e políticas do País. Na Bahia, por exemplo, a partir da abertura dos portos, a presença anglicana também seria sentida. Este grupo era formado “principalmente por comerciantes donos de negócios e empreendimentos comerciais, ou caixeiros, jovens ingleses em busca de

²¹ SILVA, 2007, Op. cit., p.42;

²² LEONARD, 2002, Op. cit., p.89;

²³ Ver SILVA, 1998, Op. cit., p.53; MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, Op. cit., p. 42; LEONARD, 2002, Op. cit., p. 89;

enriquecimento e que chegaram à Bahia para trabalhar nas empresas dos seus patrícios.” eram eles que compunham a Saint George Church ou Bahia British Church ²⁴ O interesse comercial pode ser percebido não apenas entre os ingleses, também era bastante cômodo para as autoridades provinciais e, posteriormente, para o Estado,

preservar as boas relações diplomáticas com os britânicos, afinal de contas a presença da colônia inglesa na Bahia significava ter o concurso de grandes comerciantes, capitais e investimentos na economia baiana do período, sem contar a significativa presença de firmas de empreendimentos urbanos e modernizadores. Por sua vez, também interessava a esses comerciantes e capitalistas a manutenção de um mercado seguro e promissor como eram o Brasil e a Bahia naquele momento. ²⁵

Esse quadro de omissão social entre os protestantes brasileiros permanece imutável até meados do século XX. Por volta dos primeiros anos desse novo período, antes mesmo da I Guerra Mundial, o papel dos missionários e os objetivos das missões começaram a ser questionados. Movimentos como ‘Vida e Terra’ e “as conferências ecumênicas de Estocolmo - 1925 e de Oxford (1937)” ²⁶ delimitaram um momento de transformação no meio cristão protestante e constituíram as origens do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) - 1948. Só a partir do questionamento de alguns teólogos quanto à atuação religiosa frente aos problemas sociais e da criação do CMI é que este cenário sofreu uma reversão.

Jovens de todo o mundo estavam encantados não apenas com as possíveis mudanças que o comunismo poderia proporcionar, mas também com as transformações que aconteciam no meio teológico. Não eram somente os leigos que encontravam-se contagiados com essa nova onda que instalara-se após os anos 50 do século XX, muitos seminaristas também engajaram-se em tarefas voltadas para o social.

As questões em voga no momento eram as Revoluções Chinesa e Cubana, o Medo do Monstro Vermelho do Comunismo, sobretudo pela influência que esses movimentos desempenharam nos países “periféricos”. O mundo passava por uma reviravolta, a população dos países subdesenvolvidos começara a ter consciência das causas das desigualdades que comprometiam cada vez mais a sua vida, bem como da exploração

²⁴ SILVA, Elizete da. Protestantismo e Representações Políticas. In: BRANDÃO, Silvana. *História das Religiões no Brasil*. Recife, UFPE, 2002, p.591;

²⁵ SILVA, 1998, Op. cit., p.82;

²⁶ WALDO CÉSAR (Org.). *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro, Vozes, 1968, p.5;

por parte das grandes potências, no caso do Brasil, destacamos os Estados Unidos da América. A pobreza e a falta de medidas capazes de sanar os problemas sociais e diminuir o fosso existente entre as classes sociais era a principal causa da simpatia e até mesmo a adesão de muitos brasileiros e sul-americanos ao comunismo. Segundo Shaull, missionário presbiteriano que tinha uma concepção ecumênica e vinculada aos problemas sociais:

vivemos á beira de um vulcão, que já começou a sua erupção. A “libertação” comunista da China, a revolta dos Mau Mau no Kenya, a agitação permanente em que vivem o Sudoeste da Ásia e a América do Sul, estes nada mais são do que línguas de um fogo revolucionário que arde nas profundidades do vulcão, que ameaça explodir e nos engolir.²⁷

As chamas do vulcão que Shaull mencionou estavam prestes a engolir todo o mundo. Nada mais era capaz de satisfazer o cidadão inquieto, havia a descrença nos governantes, a religião deixou de cumprir um papel de paliativo ou de alienante. Ambos não possuíam mais poder sobre o povo. Tanto as formas de governo, quanto as teológicas começaram a ser questionadas. Pela primeira vez, existia de fato,

uma revolução que é global, e que é, na realidade, a primeira e verdadeira revolução mundial na história. É também a primeira vez que, em todos os lugares e em todas as instituições, simultaneamente, se faz sentir inadequação e inadaptação.²⁸

A insatisfação não partia apenas da população desassistida. Alguns missionários que tiveram contato com tal realidade também perceberam que apenas a assistência espiritual não era capaz de calar ou de imobilizar as “massas” sofredoras. Era necessário uma eclesiologia que falasse dos problemas enfrentados no dia-a-dia, na luta pela sobrevivência e que, ao mesmo tempo, buscasse soluções que pudessem reverter o quadro de descaso e abandono. Precisavam pôr em prática um trabalho que fosse capaz de transformar a realidade das pessoas. A mudança teria que começar no seio das Igrejas e denominações, teria que partir dos próprios religiosos. Estes deveriam abandonar as velhas querelas e disputas por rebanho pastoreado e envolver-se mais nas questões sociais. Deviam participar da “grande revolução” que já dava sinal, buscar

²⁷ SHAULL, Richard. *De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. Coleção Protestantismo e Libertação, 1984, p.53-54;

²⁸ Idem, p. 54;

“compreender essa revolução e procurar dar a ela melhores respostas do que fez o comunismo” e não apenas vê-la como uma inimiga.²⁹

Se o comunismo foi capaz de revolucionar o mundo, ao apresentar-se como via capaz de reverter a situação social, e conscientizando a população de que ela não precisava viver no sofrimento, ou ainda que as causas de tamanha desigualdade não foram determinadas por Deus ou pelo destino, caberia a religião, desempenhar o papel, não mais de detentora do poder, mas de coadjuvante nessa luta revolucionária, diferente do que foi no passado. Deveria agir com o homem, visando à transformação do mesmo e de sua realidade.

1.2 “Ecumenismo é vivência evangélica”

Diante do cenário mundial, da ameaça comunista, a necessidade de união dos cristãos apareceu como a principal alternativa, não só de conter o exército vermelho, mas como uma força capaz de transformar a sociedade, de reverter os indicadores sociais, sempre negativos. Da união de protestantes, católicos, espíritas, maçons, etc, foi que nasceu a verdadeira luta solidária em prol das melhorias sociais, na qual o homem era tido como foco principal. O movimento ecumênico nasceu nesse ambiente de conturbações, no qual os injustiçados clamavam por mudanças. Não havia alternativa para os cristãos, a não ser a unidade. Segundo Shaul a “revolução que (...) [estava] ocorrendo [dava-se também] na alma do homem, contra as idéias religiosas e suas ligações com o passado”. Caso não houvesse a união no meio religioso, a tendência seria “o fim da Era Cristã” no Ocidente.³⁰

A conscientização não deu-se apenas, entre as camadas menos favorecidas, ou no meio teológico. Intelectuais, “pessoas mais sensíveis e esclarecidas das classes privilegiadas estão tornando conscientes do sofrimento ao seu redor e não conseguem mais calar”, e como escolha ou por falta de alternativa, optam pelo comunismo. Para aqueles que ainda acreditavam em um Deus, coube a experiência da vivência evangélica e a união cristã.³¹

²⁹ Idem, p. 54;

³⁰ Idem, p. 63;

³¹ Idem, p. 62;

No Brasil, já havia algumas aproximações interdenominacionais, no entanto, é a partir de 1950 que

o ecumenismo adquire outra configuração graças às novas concepções acerca da unidade e dos caminhos que para ela conduzem, segundo a contribuição dos novos integrantes. Superam-se as fronteiras (ecumênicas) do protestantismo missionário, o caráter social das relações interconfessionais é fortalecido e intensifica-se o diálogo teológico.³²

Entre os integrantes que figuraram no meio ecumênico e nos movimentos ligados a responsabilidade social na década de 50, temos a participação de pastores, intelectuais, leigos, entre outros. A presença do teólogo presbiteriano norte-americano Richard Shaull – um dos expoentes do ecumenismo no Brasil e na América Latina –, bem como de grupos de jovens seminaristas, também presbiterianos, fortemente engajados na luta pela unidade dos cristãos e pela responsabilidade social da Igreja, foram substanciais no desenrolar desse movimento progressista.

Shaull chegou à América Latina motivado pela luta em favor dos pobres. Conhecedor de apenas uma realidade, a norte-americana, não imaginava que a situação de um país subdesenvolvido fosse tão terrível. Como já vinha preocupado com a transformação do homem, influência esta que recebeu dos escritos e atitudes de Dietrich Bonhoeffer e dos ensinamentos de Karl Barth, os contatos com a nova comunidade e aproximações com o povo latino-americano só contribuiu para que as certezas da sua luta fossem renovadas. Nas palavras do próprio Shaull,

tais relacionamentos me davam vida, revelavam a dádiva a nós oferecida no encontro com o “outro” – a pessoas diferente de nós. E isto me levou à busca inescapável desse “outro” entre os marginalizados e empobrecidos pela ordem dominante, da qual eu era um beneficiado.³³

A consciência de que muito dos problemas que permeavam o terceiro mundo eram causados pelos países desenvolvidos, que para ostentar uma vida de regalias, sacrificavam à maioria da população pobre, foi o fator determinante e preponderante nessa nova etapa missionária na América Latina, mais precisamente na Colômbia e no Brasil. As novas formas teológicas, bem como o conhecimento das situações desumanas

³² SINNER, WOLFF & BOCK (orgs.), *Vidas Ecumênicas: testemunhas do ecumenismo no Brasil*. São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Padre Réus, 2006, p. 29;

³³ SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 38;

a que eram acometidos parte significativa da população da América Latina, arregimentou um exército de cristãos e não-cristãos nessa batalha contra a desigualdade e em favor da inclusão social.

Um outro fator crucial, já em meados de 1962, foi o II Concílio do Vaticano, no qual transformou as formas de ser igreja entre os católicos.

o Vaticano II não somente introduziu na Igreja Romana reformas radicais, p.ex. quanto a liturgia, ao laicato, à Sagrada Escritura, mas a levou a uma melhor compreensão da Reforma do século XVI, bem como a um novo espírito de fraternidade cristã. Não se refere mais o Concílio, no Decreto sobre o Ecumenismo, às outras Igrejas como as seitas, mas como as Igrejas ou comunhões eclesiais. Não se apresenta a Igreja Romana como satisfeita consigo mesma e seu estado atual, mas declara que a Igreja no caminho de sua peregrinação é chamada por Cristo para uma Reforma contínua, de que necessita por ser um organismo humano e terrestre. Essa Reforma atinge também a estrutura eclesiástica: procura dar lugar ao coleguismo ao lado do centralismo; e em lugar da uniformização começa a manifestar-se a variedade dentro da Igreja.³⁴

A partir desses dois momentos, a criação do CMI e do Vaticano II, posteriormente, as alianças e comunhões intradenominacionais, interdenominacionais e entre católicos e protestantes fortaleceram-se. Pela primeira vez, cristãos lutavam juntos em prol de um ideal comum: a renovação da fraternidade, tendo o Evangelho como força transformadora da vida.

No meio presbiteriano, um setor progressista ecumênico destacou-se. Preocupados com as mudanças que podiam fazer na sociedade, “na responsabilidade comum cristã em áreas de rápidas transformações sociais” e no longo trabalho de ação social que teriam pela frente, estes não se perderam em atividades de evangelização. Tiveram uma atuação extremamente relevante em todo o território brasileiro, no desenvolvimento de trabalhos com o homem e não apenas para o homem. Foram duramente criticados por setores conservadores e fundamentalistas da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), sendo, durante todo o período militar, alvo de acusações e perseguições.³⁵

É especialmente sobre este grupo que pairam as nossas inquietações. Foi no seio da IPB que as principais mudanças teológicas aconteceram, principalmente a partir da criação do CMI (1948) e do engajamento de jovens com novas visões de mundo, comprometidos com as questões sociais e que defenderam a responsabilidade social da

³⁴ Idem, p.76;

³⁵ WALDO CÉSAR (Org.), 1968, Op. cit., p.5;

Igreja. Estes jovens foram duramente criticados e perseguidos pelos próprios irmãos e por uma igreja que se dizia, “a mais aberta, a mais liberal de todas as igrejas evangélicas brasileiras”.³⁶ Analisamos um grupo que destacou-se neste meio, os Presbiterianos Progressistas Ecumênicos, e que desenvolveram na segunda metade do século XX, um trabalho de ação social em Feira de Santana, com a criação da AFAS e do SIM, bem como, as relações mantidas entre os batistas – grupo tido como conservador – e os presbiterianos progressistas.

1.3 Presbiterianos e Batistas: dissensões e aproximações

A inserção dos protestantes em Feira de Santana aconteceu na primeira metade do século XX, mais precisamente em 1935. O ambiente feirense, igualmente a outras partes do País, era dominado pela Igreja Católica até aquele momento. Não foi uma tarefa fácil para os evangélicos fixarem-se nesta localidade. A resistência aos novos grupos religiosos que começaram a chegar foi intensa. Eles só conseguiram implantar o primeiro templo em 1937, a Igreja Evangélica Unida. Entre os membros, além dos missionários Isobel C. Gillanders e Roderick Gillanders, encontramos “a família [desses] missionários e uma dezena de irmãos, porém, gradativamente o grupo cresceu e ganhou visibilidade.”³⁷ Os Batistas só começaram a chegar à esta cidade nos anos 40 do século XX, enquanto que os Presbiterianos, apesar de já existir a presença desses evangélicos desde o século XIX, só estabeleceram-se enquanto congregação a partir de 1950.

As denominações Presbiteriana e Batista, desde a sua introdução em Feira de Santana, preocuparam-se com a evangelização conversionista. O espírito proselitista era visto entre os adeptos dessas duas denominações reformadas como o principal objetivo. No entanto, nota-se que essa tarefa deixou de ocupar um lugar de destaque entre os presbiterianos. Uma nova visão de mundo permeou o meio protestante a partir da década de 40 do século XX. Mais próximos dos problemas sociais que afligiam a população e mais sensíveis a essas questões, jovens pastores presbiterianos realizaram trabalhos junto às camadas mais necessitadas, na tentativa de reverter o grave quadro social que predominava nos países subdesenvolvidos e no Brasil.

³⁶ ARAÚJO, 1985, Op. cit., p.121.

³⁷ SILVA, 2007, Op. cit., p.124;

Intimamente ligados ao ecumenismo progressista, este grupo destacou-se no seio da IPB, levando a uma reviravolta dentro desta. Várias tentativas de convivência pacífica foram tentadas, no entanto os mais conservadores não aceitavam as novas concepções teológicas desses jovens progressistas. A IPB cassou os seus membros e denunciou-os ao Governo Militar. Isso demonstra o quão árduo foi o trabalho ecumênico desses progressistas. Esses presbiterianos despojados de seus ministérios, foram obrigados a deixar suas residências e verem seus filhos expulsos dos colégios.

De acordo com o Reverendo João Dias de Araújo, em entrevista que nos concedeu:

havia em Salvador líderes que não concordaram com a posição da IPB e dos vinte e tantos anos de Ditadura Militar – 64 a 85 – vários pastores, entre eles o Reverendo Josué Mello, o Reverendo Celso Dourado e eu, estávamos entre os três mais perigosos daquela época. A gente começou a ser bombardeado. Eu perdi a minha Cátedra no Seminário Presbiteriano do Recife.³⁸

Estas perseguições eram decorrentes das representações que os membros da IPB tinham acerca do movimento ecumênico e da ética social desse grupo. Sempre “achando que o problema brasileiro era mais moral e não social”, desencadeou uma onda de conflitos dentro dessa Igreja. “A moral [da IPB, segundo Araújo] quer dizer: uma ética protestante conservadora, mais sobre o costume”, e esta permeou o universo protestante brasileiro, que aliada a uma ideologia militar foram responsáveis pelas arbitrariedades cometidas contra os cristãos ecumênicos. “Aqui em Feira de Santana dois pastores foram despojados (perderam o cargo de pastor)”³⁹. Esse tipo de ato foi comum no seio da IPB durante os anos de realização de atividades ecumênicas por parte dos presbiterianos.

A IPB, sobretudo na figura de Boanerges Ribeiro – Reverendo Presbiteriano, tido como conservador e inescrupuloso, membro do Supremo Concílio da IPB, assumiu a administração da Igreja em 1966 e com ações autoritárias, dissolveu presbitérios nos seus doze anos de ditadura eclesiástica – foi tão implacável na perseguição aos seus irmãos que

³⁸ Entrevista com João Dias de Araújo, concedida à autora em 07/12/2007;

³⁹ Idem., 07/12/2007;

expurgou, sob estímulo dos militares, a liderança jovem, cujo papel desde a Conferência do Nordeste tinha sido decisiva, não somente no despertar das igrejas para campanhas voltadas para a ação social (luta contra a fome, pela reforma, analfabetismo, etc), mas também até na produção de material para as Escolas Dominicais, por meio da produção de revistas para jovens.⁴⁰

A união de setores conservadores da IPB com o regime militar levou muitos jovens, entre eles, João Dias de Araujo, Josué da Silva Mello, Paulo Wright, Rubem Alves, a sofrerem represálias ou chegando ao extremo, como no caso do sociólogo, Paulo Wright⁴¹ que foi perseguido, torturado e morto pelos militares e seu corpo nunca apareceu.

Os anos de chumbo foram marcados por um intenso retrocesso da Igreja Presbiteriana. Nota-se que a IPB que se auto-denominava moderna e a mais liberal de todas as igrejas evangélicas e seus membros, tornaram-se conservadores e fundamentalistas. De acordo Alves, um fundamentalista

é um protestante que se parece com agente da Tradição Família e Propriedade, na imutabilidade de suas idéias e na fúria inquisitorial com que as defende. Nas suas fantasias ele acredita que o destino eterno das pessoas depende de elas pensarem como ele pensa, e por isto mesmo considera como herejes e perdidos os outros que pensam de forma diferente. O seu ideal é o mundo de ecos, em que ele fala suas coisas e todos os outros a repetem. Ele possui idéias definitivas sobre a anatomia e a fisiologia divinas; afirma a inerrância da Bíblia em todos os assuntos e também a inerrância das suas interpretações, o que o torna praticamente infalível; possui um catálogo de pecados; vive sob a certeza da fúria divina contra todos os ímpios, que são aqueles que dele discordam; e se dedica, como cavaleiro andante, a convencer os outros da suas verdades e a perseguir os que pensam de forma diferente.⁴²

Os membros da IPB agiram de forma dura com aqueles que não concordavam com a permanência das velhas formas teológicas. Percebe-se que todas as críticas e acusações feitas à Igreja Católica no século XVI e durante todos os séculos seguintes podem ser aplicadas ao meio protestante. Os conflitos gerados na luta pelo poder entre a

⁴⁰ CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes na primeira fase do regime militar brasileiro – atas e retórica da Igreja Presbiteriana Independente (1964-1969). In: *Estudos da Religião*. n° 23, Ano XVI, São Bernardo do Campo, UNESP, dezembro de 2002, p.p.83-140;

⁴¹ Filho de missionários presbiterianos norte-americanos, militante que sempre lutou por um mundo melhor e sem injustiças, redator do jornal Mocidade – jornal de grande influência entre os jovens presbiterianos ecumênicos, preocupados com as transformações sociais da realidade brasileira e da América Latina. Durante os anos de repressão militar e das perseguições perpetradas pela IPB, foi proibido de ser editado – deputado estadual pelo PSP (Partido Social Progressista) em 1962, grande força dentro da Ação Popular (AP), dentre outros.

⁴² ALVES, Rubem. O Deus do Furacão. In: SHAULL, Richard. *De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. Coleção Protestantismo e Libertação, 1984, p.20;

Igreja Romana e os Reformados foram transplantados para o seio do protestantismo. Essas disputas comprovam a tese de Bourdieu de que “o subcampo teológico é ele mesmo um campo de concorrência”.⁴³ A reação da IPB ao movimento ecumênico pode sim ser classificada como uma disputa pelo poder. Essa igreja via-se ameaçada pelo entusiasmo e participação dos jovens seminaristas nas lutas pelas transformações da sociedade e pela influência que estes exerciam sobre outros jovens das classes populares, por possuírem uma eclesiologia mais simples e abordarem temas comuns a comunidades e as questões sociais brasileiras.

Ithamar Araújo considerou que o crescimento da participação de jovens e o entusiasmo dos mesmos pelas novas formas de atuação dos cristãos no mundo influenciou significativamente nas perseguições empreendidas pelos conservadores. Segundo Ithamar Araújo, seu esposo, o Reverendo João Dias de Araújo

por ser um pastor jovem e de idéias progressistas, era querido e admirado pelos jovens, que frequentemente o convidavam para participar como palestrante, em Congressos da Mocidade, da Igreja Presbiteriana do Brasil, ocasiões em que abordava temas como, “O Jovem Cristão e o Jovem Comunista”, quando procurava fazer uma análise comparativa dos pontos em comum e das diferenças entre as duas doutrinas, a cristã e a comunista.⁴⁴

Esse tipo de atividade desenvolvida pelo Reverendo Araújo e a publicação do livro “O Jovem Cristão e o Jovem Comunista” foi o motivo que levou-o a ser “convidado” a comparecer perante as autoridades religiosas e militares para explicar-se. Além de perseguirem os pastores, a ditadura eclesiástica também agiu drasticamente sobre suas famílias. D. Ithamar Araújo, por exemplo, foi demitida do cargo de bibliotecária do Seminário do Recife logo após a dispensa do Reverendo João Dias de Araújo do seu cargo de professor. Essas e outras retaliações contra àqueles que pensavam diferente do regime militar ou da cúpula conservadora da IPB foram perpetradas durante 21 anos de chumbo no Brasil. A idéia de ecumenismo, de aceitação e respeito às demais doutrinas não foi vista com bons olhos por este setor fundamentalista.

Entre os Batistas a procura por novas ovelhas para o rebanho era praticada com maior veemência, levando esta denominação a possuir um número superior de adeptos. Foi também entre esses evangélicos que o conservadorismo se fez presente com mais

⁴³ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005, p. 64;

⁴⁴ ARAÚJO, Ithamar Bueno Dias de. *Um ideal bem vivido: dados biográficos de João Dias de Araújo*. Feira de Santana, 2002;

intensidade. Anticatólicos e avessos ao ecumenismo, atraíam pessoas de todas as classes sociais por priorizarem a evangelização direta e por possuírem uma “eclesiologia mais simples e mais clara em relação às demais Igrejas”.⁴⁵ Nunca aceitaram relações com outras denominações e com a Igreja Católica. Os que ousaram uma união com esses grupos, o fizeram por vontade própria e acabaram, na maioria da vezes, expulsos.

Desde as suas origens denominacionais, nos Estados Unidos da América, o protestantismo de missão teve um caráter expansionista/capitalista, ligado a um amplo processo de industrialização. Os protestantes que chegaram ao Brasil, vieram com a missão de "pregar o Evangelho" e difundir os ideais e as práticas dessa nova doutrina, considerada como religião do futuro e intimamente ligada a concepção de progresso e desenvolvimento.

os missionários norte-americanos que assentaram as bases e doutrinas do pensamento (...) [protestante] brasileiro eram originários de uma cultura marcada pelo trabalho e pelo esforço pessoal e se consideravam como verdadeiros construtores da poderosa nação norte-americana.⁴⁶

A mentalidade desenvolvimentista dos missionários norte-americanos não coadunava com a realidade brasileira

não tiveram as missões capacidade nem se esforçaram o suficiente para tentar a formação de um tipo de igreja e um estilo de vida aplicáveis ao desenvolvimento de uma nova geração de crentes de origem inteiramente diversa da sua. Estavam demasiadamente vinculadas às forças políticas e comerciais do seu país de origem.⁴⁷

Esse ideal capitalista seria transplantado para o Brasil e redefinido no seu processo de modernização industrializante. Em Feira de Santana, o protestantismo chegaria em um momento de expansão urbana e crescimento comercial da cidade, no qual os discursos desenvolvimentistas, atrelados aos sonhos de mudanças sócio-econômicas eram claros.

No movimento ecumênico que se desenvolveu nesta cidade, a partir dos anos 60 do século XX, os presbiterianos tiveram um papel de destaque, principalmente, por estarem fortemente ligados às ações concretas em favor do homem através da criação da AFAS e do SIM. As diretorias dessas entidades eram formadas por profissionais liberais

⁴⁵ MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, Op. cit., p.43;

⁴⁶ SILVA, 2002, Op. cit., p.52;

⁴⁷ WALDO CÉSAR (Org.), 1968, Op. cit., p.18;

e representantes das mais diversas Igrejas. Compondo o grupo, destacamos a presença dos Reverendos Josué Melo (considerado o grande expoente do ecumenismo no meio presbiteriano feirense) e João Dias Araújo (último pastor oficialmente ecumenista de Feira de Santana)⁴⁸, o Monsenhor Galvão (católico), o professor Albertino Carneiro (católico), dentre outros líderes. Vale salientar a presença, embora ínfima, de alguns Batistas compondo o grupo, já que

a Convenção Batista Baiana ou a Associação Batista Feirense nunca apoiaram empreendimentos ecumênicos ou de intervenção nas questões sociais. Os Batistas que aparecem trabalhando no SIM, provavelmente o fizeram pessoalmente, convencidos da relevância do projeto.⁴⁹

Enquanto setores presbiterianos e católicos encontravam-se ativamente preocupados com o “cristianismo ecumênico”, os batistas, em sua maioria, continuavam com sua eclesiologia conservadora e fundamentalista.

Nos vinte anos de trabalho desenvolvidos pelo SIM, encontramos pouca participação de batistas na entidade, bem como em qualquer atividade de cunho ecumênico. Para os batistas uma aliança ecumênica consistiria em “esquecer as diferenças que existem entre os diversos grupos chamados cristãos, quando tais diferenças não podem ser esquecidas, visto que o esquecimento delas envolveria uma infidelidade à Palavra de Deus”.⁵⁰

Tal traição era referente, muitas vezes, a aproximação com grupos católicos, como também ao abandono do fervor proselitista. Já que para os ecumenistas o conversionismo não consistia em atividade, bastava apenas declarar-se cristão, não imputando qual culto praticasse. Eles apenas enfatizavam o respeito a doutrina dos outros grupos. Nas atas da 52ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira, além do motivo já citado anteriormente, outras razões foram elencadas pelos batistas, nas quais demonstraram claramente a intolerância e a indiferença ante o ecumenismo e implicitamente encontramos um certo rancor pela Igreja Romana. Tratava da crítica aos

⁴⁸ O Reverendo João Dias de Araújo foi assim classificado por SILVA em seu Trabalho de Pleno *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Feira de Santana, Uefs, 2007, p.7. João Dias foi o último pastor ecumênico de Feira de Santana, sendo o final do seu pastorado em 1997. A partir desse período a Igreja Presbiteriana de Feira de Santana resolveu retornar à Igreja Presbiteriana do Brasil, retrocedendo as formas conservadoras e fundamentalistas dessa Igreja.

⁴⁹ SILVA, 2007, Op. cit., p.134;

⁵⁰ PEREIRA, J. Reis. Mensagem dos Batistas para o mundo atual. In: *Atas da 52ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira*, Salvador, 21 a 28 de janeiro de 1970, p.11;

grupos que “ainda conservam práticas idolátricas e supersticiosas”, aqueles que se auto-denominam cristãos sem na verdade sê-lo, quando, na verdade

ser cristão é viver segundo os preceitos de Cristo. Não se pode compreender um verdadeiro cristão que não cultive a pureza, a honestidade e o amor que Cristo ensinou o Sermão da Montanha, sermão para seus discípulos de todos os tempos. Ser cristão e viver enganando os outros, ser cristão e semear ódios e rancôres, ser cristão e não obedecer à voz de Cristo que soa tão claramente na Sua Palavra, é absoluta impossibilidade.⁵¹

Explicações desse tipo foram incansavelmente expostas nos jornais de circulação nacional - O Jornal Batista – , regional e local – O Batista Baiano. Em ambos o ecumenismo foi tratado com um mal que precisava ser sanado. Algo retrógrado que não merecia confiança. Em um artigo de 1966, presente no jornal O Batista Baiano, o Pastor José Heleno e Silva, do Seminário Batista da Bahia, expressou a sua incredulidade no modelo de movimento quando diz que o único

caminho a seguir é o Nôvo Testamento. Não creio em ecumenismo de “amarras”. A unidade cristã só será possível quando se lançarem fora os grilhões de uma pseudo teologia, de tradições litúrgicas, de falsas concepções ortodoxas e, pelo caminho da renúncia, do arrependimento, da regeneração, da humildade buscar-se o Mestre na sua simplicidade doutrinária. Aí haverá puro ecumenismo. Cristo no centro de tudo e de todos. Fora disso, tudo é embuste, que não convence.⁵²

São inúmeras as tentativas de explicações por parte dos batistas, para sua oposição ao ecumenismo. Esse tipo de crítica também encontramos em Cavalcanti⁵³, ‘Os Batistas e o Ecumenismo’, na qual a única verdade que

importa para os próprios Batistas é sua herança de princípios e doutrinas do Nôvo Testamento, que os leva a confessar ser a Bíblia o ‘centro da união cristã e padrão supremo pelo qual toda conduta, credos e opiniões dos homens devem ser julgados’.⁵⁴

Para os batistas, os ecumenistas eram considerados infiéis “não revelam fidelidade alguma à Bíblia”.⁵⁵ Notamos o quanto era frequente a preocupação dos batistas com os

⁵¹ Idem, p.11;

⁵² *Jornal O Batista Baiano*, Salvador, Outubro de 1966, p. s.n;

⁵³ Líder e advogado que atuou na Bahia;

⁵⁴ CAVALCANTI, Ébenzer Gomes. *Os Batistas e o Ecumenismo*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1970, p. 32;

⁵⁵ Idem, p. 37;

preceitos bíblicos e a infidelidade, falta de explicação ou base teológica fundamentada no Novo Testamento, presentes, segundo eles, no movimento ecumênico. Mas esta oposição não era uma característica comum apenas aos batistas. Conflitos, querelas, perseguições, entre outros, também ocorreram no bojo intradenominacional.

Os presbiterianos que entrevistamos nessa pesquisa, João Dias de Araújo, Josué Mello, e que apoiavam uma ética social e a participação da Igreja na ação social, tiveram um papel relevante em Feira de Santana, na atuação ecumênica. Mello foi o primeiro pastor a realizar cultos ecumênicos, o idealizador da AFAS e do SIM e Araújo o último pastor oficialmente ecumênico, ainda como membro da Igreja Presbiteriana Unida (IPU).

O ecumenismo defendido e praticado por esses presbiterianos progressistas foi introduzido em Feira de Santana, em um período de transformações. A cidade via-se eufórica por ser considerada o grande centro regional de comercialização, ao tempo em que dava os primeiros passos rumo à industrialização. A ideia de cidade do futuro, moderna e urbanizada, passava a fazer parte da cartilha do feirense. Esse *boom* industrializante, tão almejado trouxera mudanças para o cenário feirense, percebidas tanto nos meios econômicos, quanto nos sociais e religiosos.⁵⁶ Veremos um pouco desse cenário e das mudanças que aconteceram nesta sociedade nos próximos capítulos.

⁵⁶ FREITAS, 1998, op.cit., p. 163 e 164;

FEIRA DE SANTANA: UMA “PRINCESA” NO SERTÃO

2.1 “Feira, um pólo de desenvolvimento”

O município de Feira de Santana, considerado um entreposto comercial por se encontrar situado em uma área estratégica, recebeu desde a primeira metade do século XX uma grande leva de migrantes, inflando o mercado de trabalho, formando contingentes populacionais significativos. Desde a sua fundação este município teve o catolicismo como predominante, no entanto, a partir da década de 70 do século passado, esse quadro tende a mudar. A conjuntura econômica, política e social, aliada ao crescimento demográfico e as transformações urbanas, contribuíram para a instalação e propagação de novos grupos religiosos neste município, especialmente protestantes.

Foi nesse cenário de mudanças, que Feira de Santana inaugurou o processo industrializante que se deu a partir da consolidação da economia nacional, com a integração produtiva do Nordeste, através da desconcentração econômica no final dos anos 1960. Em 1970, este município encontrava-se em franco processo de industrialização. Após a elaboração do PDLI, da criação do CIS, juntamente com as "linhas de crédito, subsídios e facilidades oferecidos pelos organismos estaduais e municipais" vários grupos industriais - "nacionais e internacionais" - se estabeleceram nesta localidade, impulsionando um amplo crescimento populacional.⁵⁷

Além das isenções fiscais, o governo local “recebia o apoio do governo federal para instalação de infra-estrutura necessária para o desenvolvimento urbanístico de Feira”. Parte do que foi investido foi utilizado na “montagem de secretarias específicas para o controle das ações do centro da cidade, financiamentos de equipamentos (...), organização do sistema viário, iluminação elétrica e abastecimento de água.”⁵⁸ Tais mudanças eram necessárias à urbanização, e principalmente, a nova organização espacial que estava em fase de desenvolvimento no município.

Essa política de desconcentração econômica nacional, direcionando o processo de modernização industrial a outras regiões como a Norte e a Nordeste, foi implementada durante o regime de exceção brasileiro e previu a inclusão de áreas, até então, afastadas

⁵⁷ CRUZ, 1999, Op.cit., p. 200;

⁵⁸ PACHECO, Larissa Penelu B.. *A feira e a nova Feira: tradição, costume e conflito em Feira de Santana – Ba (1967-1977)*. Feira de Santana, Monografia de Especialização, Uefs, 2008, p.10;

dos grandes centros industriais de amplo desenvolvimento capitalista. A concentração de capital dava-se, principalmente, nas regiões Sudeste e Sul. Só a partir da descentralização, ou melhor, do auge do “Milagre Econômico”, em fins de 1969 e início dos anos de 1970, no governo Médici, a conjuntura econômica começou a mudar. No Nordeste, e, sobretudo na Bahia, foi a partir dos trabalhos que já vinham sendo realizados pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), desde 1959, e da orientação desse aparelho e de “outros órgãos federais (...) [que] foram criados vários distritos industriais pelo interior do Estado”,⁵⁹ na tentativa de integrá-lo ao conjunto da economia nacional. Entre os Complexos industriais criados no período destacam-se o Centro Industrial do Aratu (CIA) e o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e em seguida o CIS.

Diferentemente dos centros industriais criados no mesmo período na Bahia, fruto de ações dos governos estadual e federal – CIA e COPEC –, Feira de Santana, entre final dos anos 60 e meados dos anos 70, antecipou a sua entrada no mundo industrial. O poder público local, diga-se de passagem, o prefeito João Durval Carneiro, juntamente com alguns setores da classe dominante, influenciados por um ideal de modernização, ousaram pôr em prática um plano, em gestação desde 64, que contribuiu sobremaneira na inclusão deste município na nova onda de progresso ocasionada pela tônica industrializante. A administração municipal, em parceria com a Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SEFHAU) e a Construções e Planejamento S.A (COPLAN), assinou contrato de financiamento e de elaboração para o Plano de Desenvolvimento Local Integrado⁶⁰ que incluía a implantação da autarquia denominada Centro Industrial do Subaé, criada através da Lei Municipal nº 690 em 14 de dezembro de 1970.⁶¹

Nos primeiros anos de funcionamento do CIS, ainda em processo de implantação, já havia a procura por parte das empresas para instalação naquela localidade. O Complexo já contava com

cartas de opção firmadas por 30 empresas e (...) com 11 projetos em fase de análise ou aprovados pela SUDENE. (...) [Estes] destinavam-se a indústrias

⁵⁹ CRUZ, 1999, Op. Cit., p.144;

⁶⁰ O PDLI foi um plano de desenvolvimento para Feira de Santana, o primeiro da América Latina, criado no governo de João Durval Carneiro com intuito de dinamizar a economia feirense e integrar o município às áreas industriais. Maiores esclarecimentos e uma descrição precisa, ver PDLI;

⁶¹ *Plano de Desenvolvimento Local Integrado*. Feira de Santana, 1968, p. 11;

de maior porte do que as até então predominantes no município, causando expectativas favoráveis ao ambiente econômico local.⁶²

Os ventos do progresso que sopravam na Princesa do Sertão em fins dos anos de 1960, com a transição da fase comercial para uma etapa industrial, não só causaram expectativa na população feirense, que via-se contagiada pelos rumores de cidade moderna, como também, foram responsáveis pelo rápido crescimento da população, ocasionado pela introdução de migrantes, que buscavam em Feira de Santana uma oportunidade de mudar de vida. A idéia de município com “vocação industrial” foi amplamente disseminada nos jornais de circula o local. Nesta manchete do *Feira Hoje*, intitulada “Feira, um pólo de desenvolvimento”, encontramos claramente esse ideal.

destacando-se pelo surto de desenvolvimento econômico que transformou-o no centro regional de comercializa o, o Município de Feira de Santana teria, forçosamente, que seguir o caminho da industrializa o. (...) A voca o industrial (...) está evidenciada pela liderança absoluta que passou a ocupar (...) no setor industrial do Estado, entre os municípios de maior importância do interior.⁶³

A este periódico criado no início da década de 70, coube o papel ideológico de divulgar uma Feira de Santana moderna. Este jornal, pertencente a família Falcão, teve uma atua o significativa no processo industrial feirense, sobretudo por vinculá-lo ao gestor municipal e ter exercido um papel importante na disputa político-partidária de 72. Este agiu de modo influente nas elei es incitando a popula o a escolher um candidato que, de certa forma, pudesse dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo realizado pelo então prefeito João Durval Carneiro da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) na constru o de uma Feira de Santana moderna.

Tanto nas matérias do *Feira Hoje*, quanto nos objetivos do PDLI, havia o discurso de que a industrializa o do município proporcionaria melhoria para a popula o, bem como enfatizava a participa o desta na luta pela introdu o do mesmo no mundo do progresso.⁶⁴ No entanto, apesar de ter experimentado intenso crescimento industrial em toda a década de 70 e 80 e ao mesmo tempo um significativo aumento no emprego da mão-de-obra através da instala o de unidades produtoras, não houve a socializa o

⁶² CRUZ, 1999, Op. Cit., p.200;

⁶³ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Maio de 1972, n  92, p.01;

⁶⁴ Ver *Jornal Feira Hoje*, Caderno Especial editado em comemora o ao dia da Indústria, Feira de Santana, Maio de 1972, n  92, p.1 e PDLI, objetivos do plano, 1968, p.144;

desse progresso.⁶⁵ Pelo contrário, com o processo de urbanização, esta população pobre foi cada vez mais sendo afastada de suas casas, empurrada para a periferia da cidade, fato que gerou grandes tensões sociais. Prova disso foram as ocupações que aconteceram no período e que deram origem a vários bairros populares.

Esse tipo de problema não foi comum apenas à Feira de Santana. Outros municípios, como Itabuna e Itabuna, que também passaram por todo o processo de desconcentração econômica industrial, colheram os frutos desse *boom* industrializante, que não foram apenas positivos. As inovações tecnológicas que propiciaram o desenvolvimento do CIS e que foram responsáveis por “uma verdadeira revolução no interior da economia feirense, propiciando a convergência da fábrica, da estrada, do transporte, do progresso, do homem da cidade”,⁶⁶ segundo Cruz, “também foram responsáveis pela alta concentração de renda” nas mãos de um pequeno grupo detentor do poder “e pela especulação imobiliária, que condenou a maior parcela da população a morar em edificações inadequadas, nos subúrbios ou áreas de segregação social e econômica.”⁶⁷

Percebe-se que essas mesmas políticas de aceleração do crescimento e de dinamização de “regiões menos desenvolvidas do País, foram, também, responsáveis pela expulsão de contingentes populacionais do campo e de cidades pequenas e pelo ‘inchaço’”⁶⁸ dos centros urbanos. Ao mesmo tempo em que a cidade se desenvolvia e ganhava forma de “Princesa”, agravavam-se as condições de vida da população. É notável, em reportagens da Revista Panorama da Bahia, ou ainda, dos jornais que circulavam na época, como o Feira Hoje e o Folha do Norte, a situação crítica desencadeada a partir do “surto” industrial. A contradição social passou a ser um dos principais problemas desse município. As centenas de migrantes que “chegavam de toda parte, vindo de diversos lugares, (...) [com] todo tipo de esperança, (...) trazem também a fome, a miséria, o desemprego.”⁶⁹ Como o mercado de trabalho feirense não tinha condições de abarcar toda a mão-de-obra migrante, essa população ia se aglomerando pelas avenidas, ruas, calçadas, tornando-se notícias diárias nos periódicos locais e

⁶⁵ A indústria moderna, com relativo desenvolvimento tecnológico não emprega grandes contingentes de mão-de-obra;

⁶⁶ MELLO, Josué da Silva. Feira de Santana: cidade de futuro. In: *Sitientibus*. Feira de Santana: Uefs, vol. 1, 1984, p. 79;

⁶⁷ CRUZ, 1999, Op. cit. p.270,

⁶⁸ CRUZ, 1999, Op. cit., p.270)

⁶⁹ *Revista Panorama da Bahia*, Feira de Santana, 05 a 09 de set., 1985

regionais. Sendo freqüentes os clamores dos feirenses por medidas capazes de amenizar ou reverter o triste quadro social. Eis um trecho do Feira Hoje

apesar de constantes negativas em contrário, os mendigos continuam pelas ruas da Cidade, especialmente os chamados “pivetes”, sem que nada seja feito para sanar o problema. São centenas os pedintes que estendem as mãos à caridade pública. E o problema torna-se, a cada dia, mais grave, desafiando uma providência por parte de quem de direito. Da forma como estão caminhando as coisas a Feira será, dentro de muito breve, se já não o é, o **paraíso dos mendigos**, a cidade por eles preferida para agir, morar, estabelecer-se.⁷⁰ (grifos nossos)

Contraditoriamente, existiam em Feira de Santana, o “arcaico” e o “moderno”, o “urbano” e o “rural”. Ao tempo em que queria destacar-se como um grande pólo industrial, a figura do mendigo e do migrante contrastava com o ideal de cidade desenvolvida. Como bem apresentava o Feira Hoje, a Princesa estava tornando-se um Paraíso, mas de mendigos. O tal dinamismo econômico, gerado após a criação do CIS e consequentemente, a implantação de novas indústrias no complexo, não foram capazes de proporcionar benefícios sociais à população trabalhadora. Não houve “melhoria dos padrões de vida dos estratos mais carentes da sociedade” acarretando um “aumento de pobres e o aprofundamento das desigualdades”,⁷¹ ocasionando o fenômeno da mendicância.⁷²

O tipo de urbanização que ocorreu em Feira de Santana, no período em análise, de acordo com Freitas, reflete “também as características das cidades médias dos países subdesenvolvidos da América Latina” que passaram nos anos de 1950 por “melhorias de condições médico-sanitárias e pelo desenvolvimento nos transportes”. Tais avanços foram responsáveis por acelerar o crescimento populacional, no entanto, esse aumento deu-se menos, pela população local e mais por retirantes que vinham em busca de trabalho. Fenômenos naturais como a estiagem tornaram-se insuportáveis e transformara-se nas principais causas desse êxodo.

Não condizia com a cidade do “progresso”, a situação calamitosa em que encontravam-se as ruas. Além da figura do “esmoler”, as barracas de vendedores/as compartilhavam o pequeno espaço entre as lojas e a avenida. Para os comerciantes,

⁷⁰ *Jornal Feira Hoje*, Feira de Santana, Maio de 1973, nº 176, p.03;

⁷¹ CRUZ, 1999, Op. cit., p. 272),

⁷² A situação foi agravada após a chegada de migrantes à procura de melhores condições de vida e trabalho, atraídos pelo surto industrializante, sendo estes, expulsos de suas terras, muitas vezes, pelas condições sócio-econômicas existentes nas regiões de origem.

esses “elementos ‘indesejados’” atrapalhavam as vendas, bem como enfeavam a frente de suas lojas e o município, daí a necessidade de medidas, por parte do “poder Municipal e órgãos estaduais” com o propósito de enviar essas ‘figuras’ do “centro da cidade para um local específico”, a AFAS ou o Centro de Abastecimento, garantindo “calçadas e ruas livres para as vitrines e os consumidores da Feira de Santana ‘moderna’.”⁷³

O discurso de “cidade desenvolvida” era proferido em todo o município. Além das autoridades da época, havia por parte da classe média feirense, em parceria com a imprensa local, diga-se de passagem, o Jornal Feira Hoje – este pertencente a família Falcão – a preocupação em propagar um ideal de cidade que estava entrando no mundo do progresso. Queriam deixar bem claro que o título de “Princesa do Sertão” – dado por Rui Barbosa em uma visita à cidade, em 1909, período em que era candidato à Presidência da República – não foi em vão. E que era latente a necessidade de apresentá-la como cidade do futuro, a mais próxima da capital, bem localizada e com condições favoráveis à modernização industrializante. Josué Mello,⁷⁴ em uma palestra proferida na Câmara de Vereadores de Feira de Santana em 1984, previu o destino majestoso que a “Princesa” teria. Eis um trecho

os dados da realidade me induzem a ver o futuro da Feira não como preocupante, mas como um desafio. Um grande desafio para os que vivendo hoje plantem e prevejam para o amanhã, com fé, amplitude de visão, com perspectiva na dimensão própria que vem da força da terra, da tenacidade do seu povo, da *determinada vocação dessa comunidade de ser um dos maiores pólos de desenvolvimento e de convivência fraterna e ecumênica* da Bahia e do Nordeste.⁷⁵ (grifos nossos)

O destino do município já estava traçado. A determinada vocação que este teria, enquanto ‘pólo de desenvolvimento’ e como mencionou Mello, um local no qual a convivência ecumênica seria possível, era a visão não apenas dos líderes municipais, mas fazia parte da luta que algumas autoridades religiosas – que estavam fortemente ligadas ao movimento ecumênico – vinham conduzindo em prol da ‘convivência fraterna’. Destinada a ser ‘um dos maiores pólos de desenvolvimento’, vocacionada a constituir o município de maior crescimento industrial do interior da Bahia, cidade do

⁷³ PACHECO, 2008, Op. cit., p.11;

⁷⁴ Pastor presbiteriano, idealizador da AFAS e do SIM, precursor do movimento ecumênico em Feira de Santana desde a sua chegada em 1964.

⁷⁵ MELLO, 1984, Op. cit., p.77-84;

futuro, uma “Princesa no Sertão”. Todos esses adjetivos eram alardeados por toda a Feira de Santana, quer seja em periódicos, quer seja em palestras, como a proferida por Mello.

O ideal de cidade vocacionada, levou o poder público municipal, “empresários do comércio e da indústria (...) a discutir o lugar da feira livre diante do “desenvolvimento” almejado”. Não era apenas os mendigos que não cabiam na nova Feira, os feirantes também não faziam parte desse cenário. Fazia-se necessário, mudanças na

infra-estrutura urbana [que] precisava não só espelhar a chegada da indústria como fazer de Feira município de relevo como centro urbano na Bahia e no Nordeste. A intenção era que a cidade se consolidasse enquanto segunda cidade da Bahia, pólo comercial e centro urbano de proeminência no interior.⁷⁶

A condição de Feira de Santana enquanto ‘pólo de desenvolvimento’ ficou evidenciada, segundo o Jornal Feira Hoje, com a consolidação do Centro Industrial do Subaé (CIS). Isso só aconteceu “graças a sua disponibilidade de fatores infra-estruturais e sua localização geográfica, aliadas às suas condições de expansão”, sem contar o amplo empenho do poder público municipal aliado aos anseios da classe média em residir em uma cidade moderna, contribuíram sobremaneira na atração de “empresários de todo o País” à esta localidade, “transformando em realidade o sonho da industrialização.”⁷⁷

De acordo com Cruz, “a partir do CIS, Feira de Santana, que já era um pólo industrial microrregional, viu aumentada essa característica”. A cidade conseguiu liderar durante quinze anos “o crescimento econômico microrregional, com mais de 66% dos estabelecimentos e mais de 82% do pessoal ocupado.” A “economia feirense ultrapassava ainda mais os limites municipais e ganhava contornos para além da sua microrregião, atraindo fluxos de mercadorias e pessoas”⁷⁸ e era justamente essa imagem que as autoridades e setores da classe média feirense queriam ostentar. Não condizia com uma cidade com o título de “Princesa” e com uma economia que começava a avançar os grandes problemas sociais que encontravam-se expostos, em todas as partes da urbis.

⁷⁶ PACHECO, 2008, Op. cit., p.36;

⁷⁷ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Maio de 1972, nº 92, p.01; Ver CRUZ, 1999, Op. cit., p 223;

⁷⁸ CRUZ, 1999, Op.cit., p. 205;

Com a implantação do CIS, o município necessitou de transformações profundas para adaptar-se às demandas da industrialização. “Mudanças no trânsito, asfaltamento de ruas, melhoramento em rede elétrica, e um conjunto sistêmico de obras e comportamentos”⁷⁹ Várias foram as medidas tomadas pelos poderes públicos locais no intuito de modernizar Feira de Santana. Tais iniciativas iam desde as alterações estruturais com a urbanização até o controle dos migrantes. Aparelhos como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Serviço Social da Indústria (SESI), criados em 1942 e em 1946, respectivamente, bem como o 35º Batalhão de Infantaria (35º BI), agiam, em Feira de Santana, com intuito de disciplinar a mão-de-obra, no entanto, eles não davam conta de treinar todo o contingente migrante que chegava ao município a partir dos anos de 1970.

Em um processo de industrialização, no abandono das formas pré-capitalistas de produção, estes aparelhos de coerção: fábricas, escolas, entre outros, operam em sincronia em torno de um ideal comum, transformar o trabalhador. E era justamente essa a função desses órgãos. A esses aparelhos do estado, podemos atrelar também a AFAS e o SIM, ressaltando que as duas entidades estavam ligadas aos protestantes ecumênicos, que atuavam em serviço de uma melhoria social e contra as injustiças sociais. Sendo a primeira financiada, inicialmente pelos órgãos ecumênicos de fomento e posteriormente pelo poder público local, comerciantes e a sociedade civil e a segunda pelo CMI durante os anos de atuação.

Essa obra desenvolvida pelos líderes ecumênicos de Feira de Santana tinha o trabalho como finalidade última, na qual a ação pedagógica – fundamental na capacitação e moralização do profissional que era conduzido ao mercado de trabalho nascente – ligada a ética do trabalho entremeava e influenciava no processo de escolarização e treinamento do mendigo e do migrante dentro do SIM.

2.2 Migração e Mendicância: Consequências do Progresso

Feira de Santana, como vários municípios da região Nordeste e da periferia do País, estiveram praticamente esquecidos até os anos de 1970. O foco econômico, até o período em questão, eram os três grandes espaços industriais e comerciais do Sudeste: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Enquanto essas áreas desenvolviam-se a

⁷⁹ PACHECO, 2008, Op. cit., p.36;

passos largos, havia poucas alterações na estrutura econômica das pequenas cidades do interior do País, sobretudo do meio nordestino. Eram ínfimos os investimentos governamentais para a dinamização do Nordeste, se comparados aos que foram feitos nas três grandes capitais brasileiras. Apesar da iniciativa do governo Juscelino Kubitschek, em criar a SUDENE, em 1959, na tentativa de desenvolver esta Região, possibilitando a entrada de “empresas do Centro-Sul que desejavam ter subsidiárias no Nordeste”, a proposta não teve o alcance desejado. Os beneficiados foram os empresários que, com pouco capital puderam usufruir de “recursos e mão-de-obra de baixos custos, isto ainda associados aos incentivos fiscais e financeiros principalmente a partir de 1965”.⁸⁰

A SUDENE pôde ampliar sua atuação a partir dos planos desenvolvimentistas – I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) e II PND – criados durante o regime de exceção, sobretudo nos governos Médici (1969-1974) e Geisel (1974 a 1979), respectivamente, e que visavam a inclusão de “áreas consideradas até então “atrasadas” ao circuito do capital empresarial nacional”.⁸¹ O processo de desconcentração econômica, que deu-se a partir de 1970, foi a mola propulsora desse desenvolvimento, que possibilitou a articulação entre as regiões de maior crescimento industrial com áreas da periferia nacional. O objetivo era diminuir os ‘desníveis sócio-econômicos inter-regionais do Brasil’, tornando possível a realidade da industrialização no interior do País. Ao tempo em que os investidores lucravam às custas do sofrimento alheio, as diferenças sociais acentuavam-se. Além dos problemas ocasionados por uma industrialização e urbanização específicas do capitalismo, como pobreza, mendicância, etc, as cidades que passaram por tais processos e conseguiram um certo dinamismo econômico, destacaram-se como pólos atrativos para migrantes.

Os distritos industriais que foram criados após essa tentativa de inclusão da periferia regional, apesar de promover mudanças significativas na região, também foram responsáveis pelo aumento da concentração de renda, ou melhor, o surgimento de uma nova classe média com alto poder aquisitivo e conseqüentemente um crescimento vertiginoso da pobreza. As formas de desenvolvimento e urbanização que foram adotadas no Brasil, especialmente na Região Nordeste, foram responsáveis pela movimentação de contingentes populacionais significativos, sobretudo do campo para a

⁸⁰ FREITAS, p. 85;

⁸¹ PACHECO, p. 47;

cidade. “Por trás dos movimentos migratórios está toda uma estrutura social beneficiadora de algumas classes, mas agindo repressivamente em relação a outras”.⁸²

No caso do meio rural, a modernização da agricultura, com a “penetração do capitalismo no campo e às custas do pequeno proprietário e do trabalhador rural”, provavelmente foram responsáveis pelo fenômenos migratórios. “Se o aumento da produtividade conduz a elevação da renda “per capita”, então isso serve para justificar um modelo de desenvolvimento que pode levar a essa elevação, mas provoca, também, a concentração de renda”. O modelo de industrialização adotado no Brasil, levou em consideração apenas, a inclusão do Nordeste e de regiões que permaneciam afastadas das benesses do capitalismo, sem dar importância às conseqüências desse desenvolvimento irracional. Não pensaram em programas que atingissem a população rural ou ainda, “possibilidades políticas para a realização de uma reforma agrária que (...) [garantissem] aos moradores rurais a alternativa de permanecerem no campo”.⁸³

Em decorrência desse processo migratório campo-cidade, segundo Sarmiento, houve “um agravamento da situação sócio-econômica no interior do País”. A saída do trabalhador do campo de sua localidade de origem, muitas vezes expulsos, ocasionou certo inchaço nas cidades que passaram por um rápido processo de urbanização. A corrida pela mecanização do campo, pelas “modificações da estrutura agrária do Nordeste através da crescente penetração dos modos de produção capitalista no campo”, substituiu as pequenas propriedades “voltadas para a economia de subsistência” e para o mercado interno, por uma, de certo modo, orientada para o mercado externo.⁸⁴

Em Feira de Santana, muitos dos migrantes que chegaram, ou foram expulsos de suas terras por alguma intempérie da natureza ou mesmo pela mecanização do campo. O município foi uma das várias áreas do Nordeste “beneficiadas” com os PND e por estar localizada estrategicamente, era ponto obrigatório dessa população desassistida que saía das suas cidades de origem em busca da sobrevivência. No entanto, apesar da cidade estar envolvida no processo de industrialização, não possuía uma estrutura capaz de absorver toda a mão-de-obra que chegava diariamente na urbis, até porque a indústria moderna não emprega grandes contingentes de trabalhadores. Essa população retirante,

⁸² SARMENTO, Walney Moraes. *Nordeste: A Urbanização do Subdesenvolvimento*. Salvador, Monografia Ufba, 1982, p.29;

⁸³ Idem, p. 96-97;

⁸⁴ Idem, p. 98;

muitas vezes despreparada para o tipo de trabalho que era ofertado nas cidades, acabava transformando-se em um problema para o município.

Como grande parte da população feirense e de “novos feirenses” foi excluída dos lucros provindos do capitalismo industrial, ou melhor, não compartilharam dos frutos do progresso, a tão sonhada cidade civilizada não condizia com a situação de penúria que vivia os trabalhadores e os desempregados e esta condição cada vez mais agravava-se. Não havia iniciativa por parte do poder público municipal a fim de sanar este mal, enquanto isso, existiam centenas de mendigos, “espalhados por todos os cantos da cidade, deixando, em cada um dos feirenses, a imagem triste e melancólica do abandono e do descaso.”⁸⁵

Eram muitos os que aglomeravam-se pelas ruas “na maioria são velhos e menores, que vivem pedindo à caridade pública, a fim de não morrerem de fome”. A ação presbiteriana ecumênica, com a idealização da AFAS, consistiu na primeira tentativa de amenizar a situação desses pobres desvalidos. A partir do empreendimento desses progressistas ecumênicos foi que o poder local, os comerciantes e a população em geral cederam a este apelo, recorrente nas páginas do *Feira Hoje*, de que era “preciso, com urgência, encontrar uma solução, pois do contrário a centenária cidade será, muito breve, a cidade das centenas de mendigos.”⁸⁶

A nota publicada às vésperas do centenário da cidade, não foi a única forma de chamar a atenção do poder público para a questão da mendicância e da migração. Desde a criação desse periódico, havia, fortemente, uma campanha voltada para a erradicação desses males. Slogans como: “Não dê esmolas, seja mais um sócio da AFAS” ou “Seja um sócio sustentador da AFAS” fizeram parte de todos os exemplares do *Feira Hoje* na década de 1970. E não foi apenas nesse jornal que os anseios da classe média, de residir em uma Feira de Santana moderna, foram expostos. Campanhas, em menor intensidade, denúncias do descaso das autoridades governamentais com os problemas sociais, também existiram na *Revista Panorama da Bahia*, já nos anos 80 do século XX. Esta aborda a luta da entidade durante mais de uma década e as dificuldades que enfrentou e

⁸⁵ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana, Junho de 1973, nº 190, p.02;

⁸⁶ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana, Junho de 1973, nº 190, p.02;

que ainda enfrentava no período em questão, sobretudo ligados “a falta de apóio do próprio Governo do Estado.”⁸⁷

Esses problemas foram ocasionados, sobretudo, devido o aumento vertiginoso da população. Os rumores da industrialização feirense acabaram atraindo migrantes de regiões próximas, bem como de outros estados do Brasil. No entanto, apesar de todo o dinamismo industrial e das mudanças ocasionadas a partir da implantação do CIS, a nascente indústria feirense não tinha capacidade de abarcar todo esse contingente de trabalhadores que chegavam diariamente a esta cidade. Logo após os anos de 1970 “a cidade de Feira de Santana foi sendo ocupada por diversos “flagelados do sertão”, “da seca””, a grande maioria era provinda da zona rural, sem nenhuma perspectiva de “moradia, emprego, saúde, educação e lazer”.⁸⁸

O crescimento populacional foi tão expressivo que, segundo Freitas, no início da processo industrializante a cidade “contava com 190.076 habitantes e passa a ter 450.487 habitantes em 1996 com um percentual atual de 87,45% de população urbana, superando a média nacional que é 77,13%.”⁸⁹ Cruz, no mesmo sentido, assegura que, no período em evidência, “o ritmo de crescimento populacional, apesar de desacelerar-se, ainda seria considerável.” E que, “com o crescimento vegetativo da população e o elevado saldo migratório das duas décadas, a densidade demográfica mais que duplicaria.”⁹⁰

Além de não absorver a população retirante, havia uma outra dificuldade evidente que influenciava sobremaneira na inclusão do trabalhador no mercado local. A maioria dos migrantes era oriunda da zona rural, desconhecia as formas de trabalho na indústria, eram acostumados com um outro ritmo de trabalho, um tempo diferente, portanto, não eram qualificados pra tal atividade, sendo excluídos e permanecendo à margem da sociedade. O problema agravava-se ainda mais quando estes não deslocavam-se da sua cidade de origem sozinhos. Inúmeras foram as famílias, bruscamente arrancados de suas ocupações habituais, que também não podiam adaptar-se prontamente à disciplina do novo sistema econômico, e devido as contingências sociais empurrados à mendicância ou delinquência. Coube ao SIM a tarefa de capacitá-los e integrá-los na vida, na

⁸⁷ Ver *Jornais Feira Hoje*, a partir da década de 70 e *Revista Panorama da Bahia*, Ano 03 – nº 45, 05 a 19 de setembro de 1985.

⁸⁸ SANTOS, Igor Gomes. *Na Contramão do Sentido: Origens e Trajetórias do PT de Feira de Santana – Bahia (1979-2000)*. Niterói, Dissertação de Mestrado, UFF, 2007, p.51;

⁸⁹ FREITAS, 1998, Op. cit., p.15;

⁹⁰ CRUZ, 1999, Op. cit. p. 267;

sociedade e no mercado de trabalho regional e local, evitando que caíssem na ociosidade e contribuindo com as atividades já desenvolvidas pela AFAS.

2.3 Ação Presbiteriana proporciona um outro aspecto à “Grande Feira”

No universo protestante havia a herança dos ideais de modernidade e progresso, desencadeados nos Estados Unidos da América, por meio do movimento expansionista e justificado pela doutrina do "Destino Manifesto", que pregava serem os norte-americanos destinados por Deus a conquistar e ocupar novos territórios, bem como adeptos para a doutrina protestante.

Os batistas, ao tomarem como paradigma os EUA, também consideravam que o progresso econômico do país norte-americano era proveniente dos princípios evangélicos, predominante na vida dos protestantes, maioria da população americana. Obscurecem ou omitem qualquer explicação que passasse pelas ralações de produção capitalistas que permitiram o desenvolvimento dos respectivos países, mas, de forma ufanista, responsabilizam os seus princípios religiosos como originadores do progresso econômico e social existente.⁹¹

Mesmo esse trecho reportando-se aos batistas, o ideal de civilização e superioridade era bem comum no meio protestante, principalmente entre os presbiterianos, séqüitos do calvinismo. Esta visão de progresso veio ao encontro das transformações econômicas que vivia Feira de Santana na década de 1970, ambiente este, no qual

a palavra industrialização tornou-se, nos últimos anos, uma das mais pronunciadas pelos feirenses. Não só pela contingência da luta pela expansão deste importante setor, em todo país, mas pela própria entrada do município nesta nova dimensão de progresso.⁹²

Os progressistas, nossos sujeitos de análise, começaram o seu ingresso nesta cidade no início desse processo de modernização, ainda na década de 60 e tiveram uma atuação de destaque a partir dessa realidade. Suas atividades estiveram ligadas aos migrantes e mendigos que perambulavam e pernoitavam pelas calçadas, ruas, rodoviária, entre outros. Por não ter produzido as condições favoráveis à melhoria de vida da população, e até por não conseguir abarcar todo o contingente trabalhador, o crescimento industrial causou sérios transtornos ao município. As migrações internas,

⁹¹ SILVA, 2002, Op. cit, p.37;

⁹² *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Maio de 1972, nº 92, p.01;

muitas vezes decorrentes de um processo de industrialização “[constituíram] um grave problema humano, social e econômico” ⁹³, foi justamente este o fenômeno evidenciado em Feira de Santana e um dos motivos que levou os ecumenistas a trabalharem em prol dessa camada desfavorecida da sociedade. A condição subumana que vivia essa população retirante em Feira de Santana fica evidenciada nessa imagem. ⁹⁴



Condições de Moradia dos Migrantes após a chegada à Feira de Santana

Constatando as formas de vida dos retirantes, e buscando sanar esses problemas, os presbiterianos ecumênicos, em um primeiro momento, realizaram trabalhos de cunho assistencial com mendigos em Feira de Santana. Para tal criaram a AFAS. Esta entidade começou a funcionar no final dos anos 60 do século XX e constituiu no esforço inicial dos presbiterianos progressistas em realizar atividades sociais em Feira de Santana. “A sua origem [está] ligada a uma sociedade denominada SEFAM (Sociedade Evangélica

⁹³ WALDO CÉSAR (Org.), 1968, Op. cit., p.36;

⁹⁴ Ver também as imagens 5 e 6 em anexo;

de Assistência aos Mendigos), criada em 03.03.1963”.⁹⁵ Passando a ter caráter ecumênico em 1967, quando tornou-se AFAS. Trabalhavam com a recuperação de mendigos, sendo ele próprio senhor da sua transformação, no entanto, ao tratar com os migrantes, o programa da entidade não conseguia ir muito além da doação de passagens. Apesar de tentar fugir do assistencialismo, muito do que foi desenvolvido teve esse caráter.

Após a experiência com a AFAS, os mesmos ecumenistas que estiveram envolvidos no programa, resolveram ir além e criar uma outra entidade a fim de capacitar não apenas o mendigo, como estender sua abrangência atendendo também o migrante, e sempre tentando fugir do assistencialismo. Em um trabalho estatístico realizado pelo SIM em parceria com a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social (SETRABES) em 1974, percebemos a preocupação desses ecumenistas na transformação do migrante. Esta pesquisa representou “a continuidade do programa de Triagem de migrantes” desenvolvido pelo SIM, com a “finalidade de detectar e estudar os fenômenos das migrações internas na forma como se manifesta na Região”, bem como para servir de subsídio no “estabelecimento das diretrizes” do SIM.⁹⁶

Uma das inquietações desses ecumenistas antes da realização deste estudo era justamente o fato de que eles já estavam atuando havia um bom tempo na recuperação do mendigo através do trabalho e que apesar de perceberem uma diminuição significativa desses pedintes, no início das atividades em 1968, não observaram o mesmo sucesso quando da corrida industrializante no município. O trabalho desenvolvido pela AFAS não conseguia mais dar conta do crescimento do número de mendigos. Mas, nas palavras de Mello, “serviu pra nós descobrirmos que o grande problema social de Feira não era a mendicância. Que o grande problema nosso era a migração interna. Esse deslocamento da zona rural pra zona urbana”⁹⁷ e que as atividades realizadas até aquela data pela entidade, embora tenham tentado desviar-se do assistencialismo, acabaram tendo este caráter.

A tentativa de amenizar os problemas decorrentes da migração e a necessidade de fugir desse assistencialismo foram grandes tarefas que os ecumenistas tiveram que enfrentar. As migrações internas foram temas de estudo de muitos técnicos latino-

⁹⁵ MENEZES, Maria Bernadete de Almeida. *Desenvolvimento e Mendicância em Feira de Santana*. Trabalho de Conclusão de Curso, UCSAL, 1968, p.20;

⁹⁶ SIM. *Trabalho Estatístico*, 1975, p.03;

⁹⁷ Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 22/12/2007;

americanos e uma grande preocupação para o CMI. Em um estudo realizado com recursos desse órgão, em 1968, sob a coordenação de Jether Ramalho – sociólogo, fez parte do grupo dos jovens protestantes ecumênicos – as inquietações e as descobertas da equipe, que assessorou os ecumenistas que trabalharam em Feira de Santana, os quais acabaram percebendo

que no será a través de tareas simplemente “asistenciales”, ni a través de las tradicionales formas de “caridad” que se podrá ayudar a la integración de los hombres a su nuevo medio social. Para ello, es necesario, ante todo, comprender el fenómeno a fin de actuar consciente y adecuadamente. Comprobar la connotación política y potencialmente revolucionaria que posee el fenómeno migratorio y no actuar como un tranquilizador o como un simple elemento de ajuste del individuo a outro statu-quo injusto. No se trata de sacar al individuo de una estructura esclavizadora y de adaptarlo a otra también esclavizadora. La importancia de la concientización del migrante es un aspecto hacia el cual se llama la atención.⁹⁸

Pensando na realização de um trabalho com o migrante, diferente do que já havia sido feito pela AFAS e levando em consideração a transformação do homem através da capacitação profissional, foi que nasceu o SIM – entidade de inspiração cristã-ecumênica – em Feira de Santana. Segundo Mello,⁹⁹

o SIM surgiu desafiado pela problemática da migração. E surgiu como uma proposta de ação, quer seja atuando diretamente com a população migrante marginalizada na cidade, quer seja estudando o problema da migração, ou mais ainda, propondo formas de equacionamento, buscando somar esforços a outros grupos e instituições (públicas ou privadas) que se preocupam com o homem. O homem aí visto, não como um ser isolado, mas, como integrante do contexto social.¹⁰⁰

Com intuito de dar continuidade ao que já vinha sendo desenvolvido pela AFAS, buscando fugir do assistencialismo, a entidade pôs em prática um plano de ação que iria até meados dos anos 80. Conseguiu treinar mais de 25 mil retirantes que fixaram-se ou que passaram por esta cidade,¹⁰¹ alguns desses beneficiados preferiram se estabelecer no mercado local, outros encaminhados ao CIA e ao COPEC. Havia no discurso de Mello,

⁹⁸ RAMALHO, Jether Pereira (Org.). *Las Migraciones Internas*. ISAL, Uruguay, 1968, p.8;

⁹⁹ Uma das atuantes no programa de ação social do SIM e esposa do idealizador da entidade, o Reverendo Josué Mello. Trabalhou como professora na escola do SIM e participou do movimento ecumênico em Feira de Santana;

¹⁰⁰ MELLO, Tecla Dias de Oliveira. *Uma Experiência de Dez Anos da Escola SIM*. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 1986, p.8;

¹⁰¹ Ver MELLO, Josué da Silva. *SIM: Um relato de 23 anos*, Feira de Santana, 1991;

a preocupação em oferecer, nos próximos anos, cursos profissionalizantes de acordo com a demanda do mercado. Para tanto propôs fazer uma pesquisa junto às indústrias do CIS que possibilitasse “instalar cursos que decorram das necessidades do mercado de trabalho local e regional e engajar o pessoal qualificado, sempre que possível, na própria região”.¹⁰²

Para tal,

o Serviço de Integração do Migrante implantará um Banco de Trabalho, objetivando detetar a capacidade de absorção de mão-de-obra, assim como a oferta de trabalho existente em Feira de Santana.

Com isto pretende identificar a população local que se encontra desempregada por falta de qualificação profissional com vistas ao engajamento no programa de formação profissional desenvolvido pelo Sim, servindo de instrumento acionador dos recursos locais e regionais que possam contribuir para a integração da população capacitada e habilitada, colaborando com o mercado de trabalho local, encaminhando mão-de-obra qualificada.¹⁰³

O trabalho em conjunto AFAS e SIM, provavelmente contribuiu para que houvesse melhoras no quadro social feirense.¹⁰⁴ Não podemos deixar de considerar a possibilidade dessas entidades terem exercido uma certa influência na consolidação da economia feirense na etapa industrial. Os altos índices de mendicância da cidade, que não condiziam com a Feira centenária, traziam transtornos a imagem da cidade, principalmente por impedirem que “um outro aspecto da “Grande Feira””¹⁰⁵ fosse apresentado e difundido aos de fora. Aspecto esse que deveria ser de cidade do futuro, do progresso, moderna, industrial e urbanizada. Uma imagem de civilidade..

¹⁰² *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Fevereiro de 1975, nº 418, p.03;

¹⁰³ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Julho de 1975, nº 488, p.03;

¹⁰⁴ Infelizmente, não temos estatísticas para comparar o impacto do SIM e da AFAS. O aprofundamento da pesquisa em outras fontes poderão apontar índices seguros para a análise

¹⁰⁵ *Jornal Feira Hoje*. Feira de Santana. Abril de 1973, nº 168, p. 01;

UM “SIM” PARA A INCLUSÃO SOCIAL

3.1 Primeiros esforços ecumênicos em Feira de Santana

O trabalho realizado pelos protestantes ecumênicos em Feira de Santana desempenhou um certo papel no processo de urbanização e ‘modernização industrializante’. A parceria firmada com Prefeitura Municipal, setores da classe média e comerciantes, ainda no controle dos mendigos, com a implantação da AFAS serviu de base para um salto mais ousado, a criação do SIM. Essa entidade desde a sua fundação contou com o apóio de órgãos nacionais e estrangeiros, ligados ao movimento ecumênico, recebendo do poder público local apenas o terreno no qual, ainda hoje, encontra-se localizado e funcionando como escola estadual, denominada Instituto de Educação e Desenvolvimento (INED). Observe a imagem.



Instituto de Educação e Desenvolvimento (INED) – Imagem cedida por Elizete da Silva.

O SIM funcionou provisoriamente em uma sala cedida pela AFAS. Entre os anos de 1969-1972, todas as atividades foram desenvolvidas nesse espaço. O Migrante recebia abrigo, assistência médica, documentação, treinamento profissional, colocação no mercado de trabalho e/ou uma passagem para o local de destino. Nesta imagem, percebemos os migrantes sendo recepcionados pela equipe que trabalhava no SIM e encaminhados para a AFAS com o automóvel da entidade. Além de ocupar uma sala nos espaços da AFAS, o SIM também contava com todo o apoio para recolher o retirante e capacitá-lo.



O trabalho de recepção aos migrantes era realizado com o carro da AFAS, antes do SIM possuir sua sede própria.

Mesmo buscando fazer um trabalho diferenciado do que já estava sendo desenvolvido pela AFAS, os esforços dos protestantes ecumênicos em evitar o assistencialismo continuaram em vão, pois a nova entidade não tinha uma estrutura capaz de abarcar todo o contingente retirante que chegava diariamente à Feira de Santana. A operacionalidade do SIM dava-se integralmente a AFAS e as atividades profissionalizantes não conseguiam suprir toda a necessidade do município.

Mesmo a atuação do SIM sendo de forma insuficiente, entre 1970 e 1972, o número de famílias que foram atendidas foi significativo. Na Assistência médica, em

torno de 336 famílias/migrantes foram beneficiadas com consulta médica e medicamentos distribuídos gratuitamente; foram abrigadas 334 famílias, também migrantes, na Chácara de propriedade da AFAS; em torno de 110 pessoas receberam documentação necessária, como Certidão de Nascimento e Carteira de Trabalho; participaram dos cursos de capacitação profissional, promovidos em convênio com a SETRABES e Legião Brasileira de Assistência (LBA), 167 pessoas, desse total, 161 foram colocadas no mercado de trabalho.¹⁰⁶

Só a partir de 1972, foi que a entidade conseguiu financiamento para sua própria sede. Com capacidade para abrigar e treinar os migrantes e suas famílias, por noventa dias, até serem encaminhados para o mercado de trabalho local, regional ou qualquer outra localidade desejada.¹⁰⁷ Antes da capacitação, os migrantes passavam pelo atendimento médico. Muitos chegavam em condições terríveis de saúde. Conforme as imagens.



Situação em que chegavam os migrantes em Feira de Santana após muitos dias de caminhada.

¹⁰⁶ SIM. *Projeto de triagem, atendimento, capacitação e integração de migrantes na comunidade, e de análise e estudo sobre o fenômeno migratório brasileiro notadamente o nordestino*, Feira de Santana, Bahia – Brasil/ dezembro, 1973, p.28. [Dados estatísticos referentes aos anos de 1970/1972];

¹⁰⁷ Idem, p. 7;



Atendimento Médico

Na proposta inicial do SIM, além do apoio aos retirantes, havia também a preocupação em estudar o fenômeno da migração, que segundo Mello, “se constitui um dos mais graves problemas sociais brasileiros”, principalmente da região Nordeste e de Feira de Santana no período em questão.

O trabalho dessa entidade visava a melhoria nos padrões de vida da comunidade, desde o nível de saúde, higiene sanitária, educacional, mudanças de hábitos alimentares, etc. O intuito era atender aproximadamente 1.000 adultos por ano, oferecendo alfabetização, cursos profissionalizantes e posterior inserção no mercado de trabalho, bem como a escolarização de 250 crianças por ano.¹⁰⁸ O projeto significou “um esforço despretensioso de colaborar na capacitação total de homens que, embora sendo trabalhadores, vivem na ociosidade, objetivando sua integração na vida e na sociedade humana”.¹⁰⁹

Os idealizadores, - Josué da Silva Mello (Coordenação), Estenio Iriat El-Bainy (Assessoria de Planejamento), Edison Prado Júnior (Projeto Arquitetônico), Jether

¹⁰⁸ Idem, p.29;

¹⁰⁹ Idem, p. 7;

Pereira Ramalho, Tomiko Tanaani e Enilson Rocha Souza (Colaboradores) – através da *Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe*¹¹⁰, de origem alemã, conseguiram “a quantia de DM 1.100.000”¹¹¹ a ser utilizada nas primeiras fases do projeto. O financiamento foi aproveitado na construção da entidade, “ao lado de outros recursos (...) mobilizados no Brasil” e através de órgãos estrangeiros. Recursos estes, oriundos da SETRABES, da organização Misereor, do CMI, entre outros. Nesta imagem fica evidente tanto o nome do fundador da entidade, o Reverendo Josué Mello, quanto o órgão alemão que financiou o SIM.



Placas do SIM e do INED (Imagem cedida por Elizete da Silva).

O poder público municipal, na pessoa do Prefeito João Durval Carneiro, através de uma carta ao Rev. Dr. Eugene C. Blake, Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, tratou de recomendar o projeto, frisando que seu “governo já doou ao SIM uma área de 70.000 m², comprometeu-se em levar energia ao local onde será construído o

¹¹⁰ Central Evangélica de Ajuda ao Desenvolvimento.

¹¹¹ Um Milhão e Cem Mil Marcos;

Centro de Treinamento e poderá oferecer outros auxílios”.¹¹² Ao tempo em que indicou o projeto como de extrema importância e de grande responsabilidade social, aproveitou o ensejo para agradecer a ajuda que este conselho já vinha oferecendo à entidade.

Como temos percebido, o problema da mendicância e da migração era ponto de pauta no período em questão. A doação do terreno no qual seria construído o SIM, bem como as facilidades que o prefeito oferecia para executarem o projeto não podem ser vistas apenas como uma preocupação com o bem-estar das classes menos favorecidas. Por trás da contribuição havia a esperança em ver uma cidade melhor aos olhos da classe média e dos de fora. Não era digno de uma ‘Princesa’, o cenário que até então foi exposto: uma cidade de mendigos em que, segundo os dados estatísticos, tenderia a piorar caso não fosse tomada medidas enérgicas.

Se em 1940, a população urbana de Feira de Santana girava em torno de 19.750 e a rural 63.518, em 1970 houve uma reviravolta, o quadro demográfico inverteu completamente e passou a ser determinado pelo fenômeno migratório, sendo, respectivamente, 129.153 e 57.404 o crescimento populacional do município.¹¹³ Pelos dados, percebemos que a localização privilegiada, aliada ao surto industrializante e as intempéries da natureza, foram fatores que contribuíram sobremaneira para que tal fenômeno acontecesse. As correntes migratórias que convergiam para outras regiões do País tinham-na como ponto estratégico, constituindo “local intermediário de passagem” para outras regiões do País, ou até mesmo o local de destino de inúmeras famílias. Não seria por acaso a idéia de “vocação natural para a migração” e a alcunha de “cidade inchada”.¹¹⁴ Muitos desses retirantes chegavam sozinhos, outros acompanhados por esposa e filhos, conforme as imagens a seguir.

¹¹² *Carta de Recomendação do Projeto do SIM*, escrita pelo Prefeito João Durval Carneiro e endereçada ao Rev. Dr. Eugene C. Blake, Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas. Feira de Santana, 22 de outubro de 1969;

¹¹³ *SIM. Projeto de triagem, atendimento, capacitação e integração de migrantes na comunidade, e de análise e estudo sobre o fen  meno migratório brasileiro notadamente o nordestino*, 1973, Op. cit., p.18, [quadro estatístico referente ao crescimento demográfico feirense entre os anos de 1940 e 1970];

¹¹⁴ Idem, p. 17;



Retirantes chegando ao SIM. Observem, também, que o trabalho realizado pela entidade esteve fortemente ligado à SUDENE.



Retirantes chegando com suas famílias

Durante o período em que os responsáveis pelo projeto estiveram envolvidos na construção do SIM, as atividades dentro da AFAS, não cessaram. Os migrantes que chegaram à cidade foram encaminhados para o local no qual estava sendo desenvolvida a obra do centro de capacitação. “Aproveitando-se a fase de construção em convênio com o Departamento de mão-de-obra da SETRABES, foram realizados Três cursos na área de construção civil”, nos quais foram capacitados quarenta e cinco retirantes.¹¹⁵

Os primeiros anos em que a entidade passou a funcionar em sede própria, foram de intenso trabalho. No relatório anual de 1975, percebemos o quanto foi possível alargar o campo de atuação, ou melhor, a ampliar o número de beneficiados pelos programas de treinamento. Se o intuito era capacitar 1.000 adultos e escolarizar 250 crianças anualmente, os resultados obtidos foram mais que satisfatórios. Consta no relatório citado, que dos 1.595 retirantes que procuraram ou foram encaminhados ao SIM, 1.327 foram atendidos. Entre os dependentes, dos 1.948 maiores e 1.754 menores, foram acolhidos 1.635 e 1.479, respectivamente.

Esse processo de triagem adotado pelo SIM, tinha características semelhantes ao adotado pela AFAS. Em um primeiro momento o migrante era recepcionado na rodoviária ou em outros postos localizados pela cidade e encaminhados para a entidade. Ao chegar à entidade, passavam pela entrevista, ou sozinhos ou com famílias.

¹¹⁵ *Relatório Atividades do SIM*. Feira de Santana, 1973, p. 10;



Entrevista



Processo de Triagem – Entrevista

“Dos migrantes entrevistados 83,24% foram atendidos pelo SIM através dos seus sub-programas de atividades” e lá permaneceram durante os três meses. Esse momento de recepção foi fundamental para traçar o perfil dessas pessoas. Os motivos que levavam a abandonar a sua terra natal e deslocar-se para o desconhecido em busca de melhores condições de vida, as últimas ocupações, o sexo, as perspectivas na nova cidade, etc.¹¹⁶ Após esse levantamento, eles puderam agir com mais tenacidade, a fim de conseguir amenizar o grande problema da migração que tanto preocupava os feirenses e os presbiterianos ecumênicos.

3.2 Quando a ajuda é demais, os “Migrantes” desconfiam

Sabendo do perfil dos retirantes, sendo a maioria oriundos do campo, a equipe do SIM tinha conhecimento da dificuldade que enfrentariam durante o período de atividades. Todo o grupo foi preparado, levando em consideração o tipo de pessoa que seria treinada ali. Os professores, amparados por uma pedagogia de Paulo Freire, agiam conjuntamente com assistentes sociais, responsáveis pela triagem e por todo o acompanhamento durante a estadia do retirante na entidade. Além desses profissionais, o programa ainda contava com médicos/as, enfermeiros/as, sociólogos, dentistas, nutricionistas, instrutores de cursos, motoristas, recreadores, entre outros. Todos articulados com um só propósito, a inserção do migrante no mercado de trabalho e na sociedade, proporcionando melhores condições de vida. De modo que ele pudesse, sozinho, após cumpridas as etapas de treinamento no SIM, manter-se.

Segundo Tecla Mello os atendidos chegavam

desejosos de uma oportunidade de estudo, de aprendizagem de uma profissão e de regularização da sua documentação, mas, ao mesmo tempo, desconfiados e inseguros com tudo que lhes era oferecido: casa, alimentação, dormida, roupa lavada, sabonete, pasta de dente, escola, profissionalização e pessoas sempre prontas a ouvi-los. Para eles esta condição de vida era bem diferente daquela em que viviam antes.¹¹⁷

Como fica evidente nesse pequeno trecho, era normal o estranhamento e resistência demonstrada. Pessoas que já estavam cansadas dos maus tratos da vida, excluídos de qualquer benefício social e econômico e sem nenhuma perspectiva, com

¹¹⁶ *Relatório de Um Ano de Trabalho do SIM*. Feira de Santana, 1975, p.9;

¹¹⁷ MELLO, 1986, Op. cit., p.12-13;

todo um histórico de sofrimento, reagir com incredulidade ao encontrar um grupo disposto a ajudá-los a modificar a realidade a qual estavam acostumados, era uma atitude absolutamente normal. Em entrevista com Mello, ela narrou um episódio que ocorreu após a chegada dos primeiros retirantes. Ao passarem pelo processo de triagem e terem conhecimento de como o programa funcionava, duvidaram que o amparo oferecido era apenas com intuito de ajudar o próximo, sem esperar recompensas. O velho ditado “quando a ajuda é demais o santo desconfia”, pode se adequar perfeitamente à reação dos migrantes, ganhando uma nova roupagem, não o santo, mas o migrante acaba por duvidar. Conforme Tecla Mello havia sérias desconfianças entre os migrantes:

eu acho que tudo isso é pra enganar a gente. Vão botar a gente em um grande tacho e transformar a gente em sabão. Não dormiram a noite toda. [Diziam] que não era possível ter tudo isso, que eles nem conhecem a gente. No outro dia quando chegamos, estavam todos de sacola arrumada. Pra ir embora.¹¹⁸

Percebe-se que o trabalho realizado pelo SIM não foi tão fácil. Se a resistência aconteceu para com a entidade e ao tipo de vantagens que ela ofereceu, imaginem nas formas de trabalho, que eram completamente diferentes das que os migrantes estavam habituados. Tiveram que acostumar-se a uma disciplina comum ao mundo industrial, aprenderam uma profissão nada parecida com a praticada no campo, adequaram-se a um tempo também distinto do qual foram acostumados. A articulação da equipe de trabalho era extremamente necessária, considerando que a entidade recebia pessoas de todos os lugares, realidades díspares, com um passado totalmente desconhecido pela equipe de treinamento. Sabiam que o desafio era enorme, teriam dificuldades durante o processo e que deviam agir com cautela, sobretudo com aqueles que demonstrassem maior oposição ao centro de capacitação.

3.3 “Um dia a gente pode subir a escada”

Como a equipe buscava agir em sintonia, cabia aos representantes, principalmente ao diretor executivo, Josué da Silva Mello, a função de pôr em prática o plano de ação que já vinha sendo gestado desde o final dos anos 60 do século XX. Mesmo sabendo que as entidades eram formadas por grupos ecumênicos, temos percebido que havia

¹¹⁸ Entrevista com Tecla Mello, concedida à autora em 14/07/2008;

uma preocupação com a ética do trabalho, sempre muito presente nos preceitos religiosos protestantes. O ideal de ascensão social era um dos mecanismos utilizados no processo de disciplinarização do migrante. Cansados de tanto sofrimento, viram no SIM a oportunidade de mudarem de vida. Essas pessoas já vinham de um passado de desventuras e pela primeira vez, encontraram indivíduos que estavam preocupados com eles, em ajudá-los, perceberam que tinham uma chance de vencer na vida e essa possibilidade só era possível através do trabalho. O trabalho sempre foi tido como fator principal no SIM.

Em fragmentos retirados da cartilha utilizada na escolarização dos migrantes, era explícita a idéia de promoção social e o quanto o trabalho era importante para que isso ocorresse. Trechos como: “É com o trabalho que o homem constrói o mundo”, “Com o trabalho nós nos realizamos, crescemos, aprendemos e lutamos pela sobrevivência”, “O trabalho nos dá vida, saúde e devemos trabalhar com muita disposição”.¹¹⁹ Vê-se o quanto era presente a funcionalidade do trabalho e a importância de se possuir uma ocupação. O quão o indivíduo tornava-se digno ao possuir uma atividade laboral.

A metodologia utilizada pelos integrantes do SIM foi muito bem incorporada pelos capacitados. No discurso dos próprios retirantes, percebemos o sonho de progresso econômico. Aspiravam uma vida melhor ao expressarem desejos como “Um dia a gente pode subir a escada”, ou ainda, creditavam as causas do fracasso a própria inércia do indivíduo, que ao invés de mover-se para transformar a própria realidade, acaba por adaptar-se a ela, como algo que já está posto, predestinado, em “Quando fica na sombra é falta de oportunidade e de mente”.¹²⁰

Em um relatório feito por Waldo César,¹²¹ a pedido do CMI, quando este prestava assessoria ao SIM, percebemos esse mesmo tipo de visão acerca da entidade e do trabalho. Utilizando de relatos dos próprios migrantes, apresentou importância que as atividades do SIM tinham na sociedade feirense e o que representavam enquanto intervenção concreta nos movimentos sociais, sobretudo na “luta de toda uma geração de jovens protestantes”.¹²² Eis os relatos

¹¹⁹ MELLO, 1986, Op. cit., p.12-13 – Anexos.

¹²⁰ Idem, Anexos.

¹²¹ Sociólogo presbiteriano, um expoente do movimento ecumênico;

¹²² SILVA, 2007, Op. cit, p.137;

Aqui eu estou almoçando, jantando, estudando, tendo o curso já a procura de uma miora. É uma universidade, uma mãe, um lugar para o pobre, um encaminhamento para um futuro melhor. O governo deve tomar o exemplo e criar outros SIM.

É um clube social que ajuda a pobreza. Dá documentos, cursos, alimentação, roupa limpa. Único lugar no Brasil que tem uma coisa dessa. Não é um albergue. O SIM é o alfa e o ômega para o homem.¹²³

As impressões desse sociólogo demonstram o quanto o SIM representava um esforço não apenas dos presbiterianos que atuaram em Feira de Santana, mas caracterizava-se também como a realização de um sonho conjunto de muitos dos jovens que participaram de toda a transformação teológica e sofreram as influências de Shaull. Era o resultado de uma longa luta que já vinha sendo travada por eles desde os anos 50 do século XX, bem como apresenta a relevância que uma profissão tem na vida de uma pessoa. As transformações que o trabalho proporcionaria no futuro desses capacitados.

No discurso dos envolvidos nas atividades do SIM, percebemos que o trabalho sempre aparece como finalidade preponderante. A idéia de centralidade deste, como vocação, presente na obra de Weber, adapta-se muito bem ao método utilizado dentro da entidade. De acordo com o autor

o trabalho deve (...) ser executado como um fim absoluto por si mesmo – como uma “vocação”. Tal atitude, todavia, não é absolutamente um produto da natureza. Ela não pode ser provocada por baixos salários ou apenas salários elevados, mas somente pode ser o produto de um longo e árduo processo de educação.¹²⁴

Esse árduo processo de educação em que o trabalho deve ser visto como uma vocação, como um serviço que se presta a Deus foi a grande ação desenvolvida pelos ecumenistas em Feira de Santana. Eles buscaram sempre demonstrar ao migrante, toda a transformação que o trabalho era capaz de fazer na vida das pessoas. Temos observado que os preceitos puritanos calvinistas permearam todo a metodologia utilizada dentro do SIM. Foi a verdadeira mola propulsora no processo de capacitação profissional do migrante. Se os retirantes desconheciam o universo urbano, não tinham experiência com a industrialização e ainda, eram bastante receosos em receber ajuda, até por desacreditarem desse apoio, alguma coisa teria que agir como modificador dessa realidade. O que realmente fez a diferença foram as técnicas de treinamento adotadas pela equipe do SIM. O processo educacional serviu para inserir nesse trabalhador do

¹²³ Relatório de Waldo César ao CMI, 1975, p.5. In: SILVA, 2007, Op. cit, p.137;

¹²⁴ WEBER, 1985, Op. cit., p.39;

campo, as novas formas de produção que regem o capitalismo industrial e o modo como o mundo urbano diferia da realidade a qual estavam acostumados.

Embora os presbiterianos ecumênicos e progressistas, tenham desenvolvido uma nova forma de ser igreja, mais sensível às questões sociais, eles ainda continuavam ligados ao discurso puritano e calvinista de conduta ascética, no qual os que melhor se destacavam na sociedade, ascendiam socialmente, eram os eleitos por Deus e o meio para se adquirir tal benção, era através do trabalho incessante, em outras palavras, o trabalho era visto como meio de dignificação do homem.

Nas palavras de Mello, durante o processo de capacitação haviam os momentos de reuniões nos quais

falavamos da necessidade do homem ser cidadão, onde ele está envolvido com a mudança na sociedade, a importância do trabalho. Eles idealizassem crescer através do trabalho, eles iam vencer através do trabalho, eles sabiam que estávamos preparando eles para o trabalho, era a através do trabalho que conseguiriam ascensão. E alguns venceram, alguns estão muito ricos, saíram daqui, ganharam muito dinheiro em Camaçari, tem deles que está com a rede de restaurante hoje, lá em Camaçari, naquela região, em Praia do Forte, tem outros que tem oficinas moderníssimas¹²⁵

Como podemos perceber, nestas reuniões, com professores, assistentes sociais, psicólogos e os próprios pastores ecumenistas, a idéia de trabalho como a finalidade da existência era um dos fundamentos na profissionalização do migrante. Esse ideal de ascensão social, além de ter permeado todo o universo pedagógico do SIM, também fazia parte do contexto econômico, político, social, religioso da época. A propagação ideológica instituída na sociedade feirense que se via eufórica com a aventura industrializante, bem como a influência da ética protestante do trabalho, intimamente ligada aos preceitos puritanos/calvinistas de eleição divina, demonstram o papel relevante que a religião desenvolveu no processo de disciplinarização da força de trabalho no SIM e na AFAS. Para Mendonça & Velasques Filho, “o espírito do capitalismo gerou as estruturas capitalistas, mas o espírito do capitalismo foi gerado pela aceitação e difusão de valores religiosos protestantes”.¹²⁶ Percebemos o papel moralizante da religião no trabalho da AFAS e do SIM e a relevância desta no controle da mão-de-obra que era treinada e encaminhada às indústrias.

¹²⁵ Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 22/12/2007;

¹²⁶ MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, Op. cit., p. 208;

Esses valores tão apregoados pelos protestantes, inspirados nos metodistas ingleses, ou ainda nos princípios norte-americanos de ascensão social, foram responsáveis por forjar uma disciplina no trabalho, necessária ao novo sistema fabril

sendo individualista, a ética protestante gerou um comportamento de submissão às normas preestabelecidas pela comunidade ou pela autoridade religiosa. Ao membro da comunidade cabe apenas a obrigação de cumprir o que é determinado como correto e afastar-se dos interditos¹²⁷

Conforme E. P. Thompson, essas normas só seriam conseguidas através da inculcação da existência de um ideal de ascensão social, por meio do suor do próprio rosto onde o trabalho é tido como dignificante. Na Revolução Industrial Inglesa, algumas vertentes do protestantismo, influenciadas pelo “puritanismo com seu casamento de conveniência com o capitalismo industrial, foi o agente que converteu as pessoas a novas avaliações do tempo; (...) e que saturou as mentes das pessoas com a equação ‘tempo é dinheiro’”¹²⁸ O papel da religião como agente de coerção contribuiu para disciplinar o operariado inglês no trabalho das fábricas, no controle do próprio tempo, assim como, ajudou na concepção de uma consciência de classe, através da formação de intelectuais dedicados e responsáveis pela direção das organizações da classe-operária.

Em Feira de Santana percebemos que a expansão do protestantismo, o surgimento das entidades que treinavam a mão-de-obra e a crescente industrialização contribuíram na associação de uma disciplina exigida nas unidades industriais com a ética do trabalho defendida pelo mesmo. A religião é um instrumento de conservação de valores.

Fica mais evidente o quanto os vários aparelhos do estado agem em conjunto na tarefa de disciplinarização do trabalhador, impondo-lhe um comportamento moralizante. Apesar de reportar a uma sociedade que não é a nossa e de séculos anteriores ao que estamos pesquisando, XVIII e XIX, percebemos que estas formas de dominação são trazidas de uma determinada sociedade para outra, adquirindo suas próprias formas e ressignificações. E a religião, no caso as doutrinas e as representações protestantes cumpriram o papel de continuidade de valores e ética. Na Inglaterra, em franco desenvolvimento industrial “as pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das

¹²⁷ Idem, p. 213;

¹²⁸ THOMPSON, E. P.. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p.302;

fábricas, e das escolas dominicais” bem como estendiam-se por “todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta.” ¹²⁹

Apesar de não estar explicitamente declarado, até por ser uma entidade filantrópica sob a direção de um grupo ecumênico, temos percebido nas atividades desenvolvidas no SIM, o papel “coercitivo” adotado pela religião em função de uma moralização do migante. O “poder transformador da cruz” teve um papel preponderante no processo de controle disciplinar desse trabalhador, não em escolas dominicais, como na Inglaterra, mas dentro de uma entidade criada por protestantes ecumenistas, que atuavam em prol de uma melhoria social e contra as injustiças sociais.

A presença de uma ética do trabalho no desenvolvimento das atividades de capacitação profissional foi claramente notada, como também a influência do contexto econômico. O trabalho sempre foi apresentado como única via, digna, capaz de mudar as condições de vida e de inseri-los na comunidade. Questões essenciais à sobrevivência como moradia, emprego, educação, entre outros, eram impensáveis antes do SIM. Eles não possuíam quaisquer perspectivas. Essa exclusão social era a principal causa da mendicância, do banditismo, da prostituição, da vagabundagem.

De acordo com Karl Marx, as condições que levavam os desvalidos a tal situação, no século XIX, eram comuns em localidades que estavam saindo de um sistema pré-capitalista e inserindo-se nos moldes capitalistas. Como aconteceu na sociedade inglesa no século XVIII, em outros países posteriormente, e em Feira de Santana e seu entorno no final do século XX – claro que, cada sociedade teve suas especificidades - os trabalhadores rurais foram expropriados de suas pequenas propriedades e impulsionados a buscar outros meios de sobrevivência. Ao aventurarem-se nas cidades, foram excluídos pelo nascente mercado industrial.

Para empregar-se nas indústrias, o indivíduo deve possuir um tipo de disciplina incomum ao meio rural. Essas pessoas chegavam à cidade, sem saber que novo ambiente encontraria pela frente. Normalmente, eram “homens bruscamente arrancados de suas ocupações habituais, [que] não se podiam adaptar prontamente à disciplina do novo sistema social, seguindo, por conseguinte, deles, uma porção de mendigos, ladrões, vagabundos.” ¹³⁰ Nota-se, nesse pequeno fragmento de Marx, que a situação a que foram acometidos os trabalhadores no século XVIII e XIX, a partir da Revolução

¹²⁹ THOMPSON, E. P.. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 292;

¹³⁰ MARX, Karl. *A Origem do Capital (A Acumulação Primitiva)*. São Paulo, Global, 1985. p. 57;

Industrial, também pôde ser sentida na sertaneja Feira de Santana em fins de 1960 e início de 1970. Era crescente o número de migrantes que chegavam diariamente a esta localidade à procura de uma colocação no mercado de trabalho e que só contribuíam para o aumento na quantidade de desempregados e conseqüentemente de mendigos.

Os retirantes que procuravam, ou que passavam por Feira de Santana, geralmente haviam suportado situações semelhantes as dos trabalhadores dois séculos anteriores. Ou eram obrigados a migrar por forças da natureza, ou eram expulsos de suas pequenas propriedades. Saíam sozinhos, ou com famílias, para arriscar a vida em outros lugares. Eles

nada mais (...) [possuíam] senão a sua força física, o trabalho em estado potencial, ao passo que todas as condições exteriores necessárias a dar corpo a esta força, tais como a matéria-prima e os instrumentos indispensáveis ao exercício útil do trabalho, o poder de dispor das subsistências necessárias a manutenção da força operária e a sua conversão em movimento produtivo, tudo isso (...) [encontrava-se] do outro lado, isto é, com o capitalista.¹³¹

Era a esse novo mundo que teriam que adaptar-se. Mas como passar por todo o processo de adequação sozinhos? Nesta cidade, os órgãos que eram responsáveis pela capacitação de mão-de-obra cobravam uma quantia pela prestação de serviços e esses pobres nada mais tinham a oferecer, senão a sua força de trabalho. Como conseguir emprego, se não possuíam qualificação para tal? Essa população que foi violentamente expropriada dos campos, não possuía alternativas: ou era rapidamente reduzida a vagabundagem ou teria que submeter-se a disciplina do sistema assalariado.

O papel do SIM foi atuar junto aos desvalidos e desqualificados profissionalmente, buscando transformar a realidade dessas pessoas, apresentando um mundo em que poderiam ter oportunidades. Travavam uma luta contra as exclusões e a opressão e apresentavam alternativas de transformação da realidade social. As atividades com os migrantes eram divididas em duas etapas que aconteciam simultaneamente, uma de escolarização e outra de capacitação profissional. Ambas complementavam-se. Buscavam na primeira fase, apresentar a metodologia da entidade e o quão seria diferente a vida na cidade e a realidade da industrialização. Tentavam desconstruir no migrante a herança rural, apresentavam o novo cenário e as formas de trabalho que eles iriam enfrentar após o treinamento.

¹³¹ Idem, p.13-14;

As palestras aconteciam durante o dia para aqueles que tinham curso noturno e pela noite com aqueles que eram capacitados durante o dia. As conversas eram momentos de diálogos, nas quais os migrantes falavam das dificuldades que haviam passado, as perspectivas para o futuro e qual o curso que eles tinham desejo de participar, entre os vários que eram oferecidos na entidade. Se eletricitista, soldador, maçariqueiro, entre outros. Cabia ao próprio migrante a escolha da profissão que mais lhe conviesse. Para o migrante a disciplina começava a partir do momento que ele resolvia ficar no SIM. Tinham que seguir todo um cronograma de atividades diárias, que, segundo Tecla Mello, dava-se da seguinte maneira

eles levantavam, tinha o café da manhã, depois do café da manhã eles tinham o encontro comigo e depois da escola que era a continuação. Depois à tarde eles tinham o treinamento profissional. (...) A tarde e a noite tinha profissionalizante, a depender do turno que o migrante escolhia.¹³²

Essa rotina, descrita pela professora Tecla Mello, era apresentada para o migrante no momento em que ele passava pelo processo de triagem. Nesse primeiro contato, o retirante já conhecia um pouco da proposta da entidade e qual a realidade que o esperava. Por já ter aventurado emprego e não ter conseguido, não restava qualquer alternativa, a não ser aceitar as condições propostas pela equipe. Não havia, em momento algum, métodos paliativos que amenizassem a situação do retirante. Eles tinham que, através do próprio esforço, adequar-se ao novo mundo e a formas de trabalho díspares daquelas que já conheciam. Mello descreve, muito bem, o contato inicial

primeiro você precisa preparar os seus documentos, você não tem documento nenhum. Segundo, você precisa se habilitar pra viver na cidade. Você só sabe trabalhar com coisa da roça: enxada. Aqui na cidade não tem foice, nem enxada. Os instrumentos de trabalho são outros. Você precisa se preparar, senão você vai mendigar. Senão você vai ficar como um excluído da sociedade. Nós podemos fazer isso pra você em três meses. Nossa proposta é essa, você fica aqui três meses, durante esses três meses nós lhe damos educação, você vai aprender a ler, pelo menos assinar seu nome, fazer uma leitura. Você vai ter seus documentos todos preparados e você vai receber dois cursos profissionalizantes. Você vai escolher. Mas se você preferir, vai ter que ficar três meses.¹³³

Vale ressaltar, que não era tão simples o processo. Mesmo abraçando a proposta do SIM, o migrante não aceitava tudo facilmente. Ele era submetido, durante toda a

¹³² Entrevista com Tecla Mello, concedida à autora em 14/07/2008;

¹³³ Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 14/07/2008;

estadia, a reuniões diárias com equipe técnica. Passava por vários processos de disciplinarização e em cada fase, sempre era reiterada as diferenças do campo para a cidade. Quando eles chegavam ao curso profissionalizante, já haviam percorrido um longo caminho, com palestras, conversas informais, etc., encontravam-se menos resistente à qualificação. Raimundo dos Santos¹³⁴, destaca que

eles tinham essa preparação, que discutiam de onde eles vinham e pra onde eles iam entrar, o que eles iam enfrentar. E quando chegavam pra mim, eu passava pouca coisa, explicando pra eles como era a situação dentro de uma empresa. Era totalmente diferente do trabalho deles na zona rural.¹³⁵

A partir daí, eram três meses de intenso trabalho, sempre seguindo a mesma metodologia. No final de cada trimestre, os retirantes estavam aptos para enfrentar o sistema industrial. Ainda, segundo Raimundo dos Santos, em pouco tempo de capacitação

eles cumpriam o horário dentro da risca. Não chegavam atrasado não. Até porque, eles encaravam a coisa, como se depois daquele curso eles iam ter uma melhoria de vida. Porque já vinham de muitas dificuldades. Encontravam um local pra dar esse apoio e por isso, não deixa de não ter, um ou dois alunos um pouco mais [indisciplinados]. Mas a maioria não, a maioria, levava tudo com muito interesse. (...) Pra ter uma idéia, eu ministrava cursos com quarenta pessoas, e no final do curso a baixa que a gente tinha era de cinco, seis alunos que desistiam. E não entre os migrantes, porque teve uma época que a gente tava misturando, migrantes com as pessoas daqui. Quem mais desistia era o pessoal da cidade. Mas os migrantes cumpriam aquela risca total. Não desistiam não.¹³⁶

Após o exposto e o que foi apresentado durante todo o texto, não podemos desconsiderar a relevância das atividades realizadas pelos ecumenistas para a sociedade feirense. No entanto, apesar de todo o trabalho realizado em favor dos mendigos e migrantes na AFAS e no SIM, muito do que foi feito contribuiu sobremaneira, não apenas para a capacitação e integração dos menos favorecidos economicamente na sociedade, mas para responder aos anseios de uma classe média ansiosa por progresso e modernidade. Uma crítica de Albertino Carneiro¹³⁷ ao programa da AFAS aponta essas falhas quando diz: “estamos tirando mendigos da rua para não incomodar os

¹³⁴ Professor que atuou no SIM, durante quase todo o período de funcionamento, responsável por alguns cursos profissionalizantes, como: soldador, maçariqueiro, serralheiro;

¹³⁵ Entrevista com Senhor Raimundo dos Santos, concedida à autora em 12/08/2008;

¹³⁶ Idem;

¹³⁷ Ex-padre católico e colaborador das entidades.

comerciantes, não se ia na raiz do problema”¹³⁸. Embora houvesse tentativas em fugir do assistencialismo os presbiterianos não conseguiram tal feito.

Eles próprios reconheciam, na época, que não era tão fácil fugir da velha prática. Mesmo não dando esmola, ou caridade cristã, no fundo continuavam com uma visão assistencialista, estavam entre dois fogos ou reformar o capitalismo ou partir para uma transformação radical das estruturas sociais. Reformar era mais fácil e menos perigoso, além de estar mais coadunado com o pacifismo cristão protestante.¹³⁹

Com relação ao SIM, também há algumas ressalvas acerca das suas atividades. Diferente da AFAS, ele conseguiu afastar-se mais do assistencialismo, no entanto, apesar desse feito, as atividades decaíram no final de 1980, até cessar por completo. De acordo com Ildes Ferreira¹⁴⁰ “O SIM era uma grande proposta, inovadora, que dava resultados, mas depois se perdeu, perdeu os objetivos do início.”¹⁴¹ Não se sabe ao certo o que fez com que essa entidade parasse com suas atividades, várias são as possíveis razões: o declínio do ecumenismo, a crise pela qual passou o CIS nos anos 80 do século XX, a arrefecimento do fluxo migratório, dentre outras. Não cabe aqui fazer uma discussão acerca dessa problemática. Estas são apenas considerações que levarão a uma nova pesquisa.

¹³⁸ Entrevista com Albertino Carneiro em 15/12/2006. In: Silva, 2007, Op.cit., p.132;

¹³⁹ Silva, 2007, Op.cit., p.132;

¹⁴⁰ Sociólogo que trabalhou como assessor do SIM por quase dez anos;

¹⁴¹ Entrevista com Ildes Ferreira em 25/02/2007

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem um caminho longo a ser trilhado. Há muito a descobrir sobre este universo protestante ecumênico feirense. As formas de resistência, de dominação, o modo como os migrantes viam as entidades e o que para eles significava os processos educacional e de capacitação pelo qual, obrigatoriamente, os que optaram por permanecer no SIM, tiveram que passar. As dificuldades encontradas pelos ecumenistas ao se estabelecerem nesta cidade, o papel político, refiro-me a ação de classe, desempenhado pelos mesmos em Feira de Santana, diante de uma comunidade que contraditoriamente convivia com o civilizado e o arcaico. Ao mesmo tempo em que o município modernizava-se, os indicadores sociais demonstravam o quão negativo estava sendo o processo para a população. As perseguições e acusações sofridas por estes ecumenistas, entre outras. Poderia aqui elencar muitas outras possibilidades de análise. Entretanto, ateno-me, apenas a fazer algumas considerações, que ainda, não são finais, são provisórias. As idéias ecumênicas e de engajamento social que desenvolveram-se a partir da década de 1950 repercutiram no seio do protestantismo feirense, provocando uma atuação religiosa e de projetos sociais como a AFAS e o SIM.

Em primeiro lugar, se levarmos em consideração “como foi violento o movimento do êxodo rural, como foi violento esse movimento da urbanização brasileira”,¹⁴² a dificuldade que o migrante teve em se adequar as novas condições de trabalho da vida urbana industrializada, bem como a convivência com uma outra cultura, com uma terra que não era a dele, perceberemos a relevância que o trabalho no SIM teve nas décadas de 70 e 80 nesta cidade. Se pensarmos nas reviravoltas que o processo de industrialização e urbanização causaram no cenário feirense, transformações políticas, sociais, econômicas, religiosas, etc., entenderemos a tônica que move a idéia dessa pesquisa.

Toda a conjuntura econômica, social, política feirense estava intimamente ligada em um processo de modernização. Sabemos que os problemas sociais de agravaram neste município após a inserção da cidade no mundo industrial. É visível o aumento da migração no período em evidência e a dificuldade que o mercado local teve em absorver

¹⁴² Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 22/12/2007;

esta mão-de-obra, bem como a proeminência que os ecumenistas tiveram com o trabalho de ação social realizado no município. A relevância do projeto do SIM pode ser demonstrada quantitativamente e qualitativamente. Sabemos que mais de 25 mil migrantes foram atendidos e treinados pela entidade, que houve uma melhoria nas condições de vida de muitos que passaram pelo programa e que a cidade foi poupada do aumento da mendicância, podendo assim trilhar os caminhos do desenvolvimento e manter orgulhosamente o título de Princesa do Sertão. Os ideais de modernização da elite feirense coadunavam-se perfeitamente com a proposta da AFAS e do SIM e ambas foram parceiras em um projeto modernizante e industrializante em Feira de Santana.

O trabalho dos ecumenistas estenderam-se até 1985, havendo, a partir desse período um decréscimo, nas atividades do SIM. As entidades mantenedoras da instituição cessaram as contribuições, decorrentes também da mudança no fluxo migratório, que voltou-se para o Sudeste. A força de novos grupos religiosos que instalaram-se no município, também pode ter contribuído para o enfraquecimento do movimento ecumênico feirense. Notamos a expansão crescente de novos grupos religiosos nesta cidade, classificados como agências de cura divina ou religiões de espírito como é o caso dos neo-pentecostais. Essas novas comunidades religiosas conseguem chegar às classes menos favorecidas, por meio da sua eclesiologia mais simples e são consideradas “lenitivos para a dor e o sofrimento causados pela sociedade de consumo, por um capitalismo selvagem e por valores alienantes”. Enquanto a pregação das aspirações sociais, características do protestantismo de classe média, preocupava-se com a solução de “problemas recorrendo ao individualismo ético”,¹⁴³ os neo-pentecostais oferecem soluções rápidas para os problemas cotidianos dos seus fiéis.

Percebe-se que com a introdução dos novos grupos religiosos nesta cidade, o protestantismo ecumênico perde força e o trabalho desenvolvido por eles deixa de ter um papel de destaque. Esta é uma constatação que vem sendo feita não apenas em Feira de Santana, mas, conforme Silva, é uma mudança no cenário nacional.¹⁴⁴ Não cabe aqui fazer uma discussão acerca dessa temática, portanto, finalizamos dizendo que esta pesquisa ainda encontra-se em andamento, poderá trazer novas fontes e novas

¹⁴³ Mendonça & Velasques Filho, 1990, Op. cit. p.263;

¹⁴⁴ SILVA, 2007, Op. cit. p. 163;

contribuições sobre as relações da ética protestante com a realidade sócio-econômica feirense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Da Esperança*. São Paulo, Papirus, 1987;
- ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo, Edições Loyola, 2005;
- ARNS, Paulo Evaristo (org.). *Brasil Nunca Mais*. Rio de Janeiro, Vozes, 1985;
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978;
- BARRETO JÚNIOR, Raimundo César. Realismo Cristão e Teologia da Libertação: Teologias do Norte e do Sul em Diálogo. In: *Epistême*. Ano 04, Vol 04, nº01, 2002;
- BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985;
- BLOCH, Ernst. *Thomaz Münzer: Teólogo da Revolução*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973;
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem e o Homem: Memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana, UEFS, 2006;
- BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Como Fazer Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986;
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo, Edusp, 1987;
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005;
- BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo, EDUC, 1999.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes na primeira fase do regime militar brasileiro – atas e retórica da Igreja Presbiteriana Independente (1964-1969). In: *Estudos da Religião*. nº 23, Ano XVI, São Bernardo do Campo, UNESP, dezembro de 2002, p.p.83-140;
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Portugal: Difel, 2002;
- CIPRIANI, Roberto, ELETA, Paula & NESTI, Arnaldo (orgs.). *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CRUZ, Rossine Cerqueira da. *A Inserção de Feira de Santana nos Processos de Integração Produtiva e de Desconcentração Econômica Nacional*. Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, 1999;
- CRUZ, Rossine e MONTEIRO, Jhonatas. Ação Política e Transformações Estruturais: a Economia Política da Modernização Industrializante em Feira de Santana, Bahia, Brasil

(1970-1985). In: ***X Colóquio Internacional sobre Poder Local: Desenvolvimento e Gestão Social de Territórios*** [Anais]. Salvador: CIAGS-UFBA, 11 a 13 de dezembro de 2006, 1 CD Rom.

ENGELS, Friedrich. ***As Guerras Camponesas na Alemanha***. São Paulo: Grijalbo, 1977.

FARIA, Eduardo Galasso. ***Fé e Compromisso: Richard Shaull e a Teologia no Brasil***. São Paulo, ASTE, 2002;

FERREIRA, Júlio Andrade. ***História da Igreja Presbiteriana do Brasil (vol II)***. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1992;

FERREIRA, Júlio Andrade. ***Profeta da Unidade: Erasmo Braga – uma vida a descoberto***. Rio de Janeiro, Vozes/Tempo e Presença, 1975;

FILORAMO, G & PRANDI, C. ***A Ciência da Religião***. São Paulo: Paulus, 1999;

FREITAS, Nacelice Barbosa. ***Urbanização em Feira de Santana: Influência da Industrialização - 1970-1996***. Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 1998;

GALILEIA, Segundo. ***Teologia da Libertação: Ensaio de Síntese***. 4 ed. São Paulo, Paulinas, 1978;

GUIMARÃES, Tarcísio Farias. Os Batistas e as Questões Políticas em Feira de Santana. In: ***Epistême***, Ano 04, Vol 04, nº01, 2002;

HAMMES, Roque. ***Igreja Católica, Sindicatos e Movimentos Sociais***. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2003;

HOUTART, François. ***Sociologia da Religião***. São Paulo, Editora Ática, 1994;

LANDIM, Leilah (org.). ***Ações em Sociedade: Militância, Caridade, Assistência etc.*** Rio de Janeiro, NAU, 1998;

LEÃO NETO, Reynaldo Ferreira. ***Espírito Profético e Razão Institucional da Experiência Fundante à Proscrição Protesto e Criação***. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995;

LEONARD, Émile G. ***O Protestantismo Brasileiro: Estudo de Ecclesiologia e História Social***. São Paulo: ASTE, 2002;

LÖWY, Michael. Marx e Engels como Sociólogos da Religião. In: ***Revista de Ciências Sociais***. Rio de Janeiro: Vol 40, nº 1, 1997, p.157-170;

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. ***Sobre a Religião***. Lisboa: Edições 70, 1972;

MARX, Karl. ***A Origem do Capital (A Acumulação Primitiva)***. São Paulo, Global, 1985;

MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, Pastores e Leigos do século 19*. São Paulo, Cultura Cristã, 2004;

MELO, Mozart João de Noronha. *Ecumenismo como Prática de Libertação*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PUC, 1989;

MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, São Paulo, Edições Loyola, 1990;

MORAIS, Ana Angélica Vergne de.(org.). *Conhecendo Feira de Santana: Olhares sobre a cidade*. Feira de Santana, UEFS, 2007;

MÜNSTER, Arno. *Utopia, Messianismo e Apocalipse nas Primeiras Obras de Ernst Bloch*. São Paulo, UNESP, 1997;

NEGRO, Antônio Luigi. Rodando a baiana e interrogando um princípio básico do comunismo e da História Social: o sentido marxista tradicional de classe operária. In: MOURA, Mauro Castelo Branco, FERREIRA, Muniz & MORENO, Ricardo (orgs.). *Friedrich Engels e a ciência contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2007;

NIEBUHR, H. Richard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. São Paulo, ASTE, 1992;

OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. *De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000;

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *A feira e a nova Feira: tradição, costume e conflito em Feira de Santana – BA (1967-1977)*. Monografia de Especialização, Feira de Santana, UEFS, 2008;

PALMER, Bryan D. *Edward Palmer Thompson: Objeções e Oposições*. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988;

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática Educativa e Sociedade: Um Estudo de Sociologia de Educação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976;

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo, Pioneira, 1973;

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso: As Religiões no Mundo Atual*. São Paulo, Paulinas, 2005;

SANTA ANA, Júlio H. de. *Ecumenismo e Libertação*. Rio de Janeiro, Vozes, 1979;

SANTOS, Igor Gomes. *Na Contramão do Sentido: Origens e Trajetórias do PT de Feira de Santana – Bahia (1979-2000)*. Niterói, Dissertação de Mestrado, UFF, 2007;

SHAULL, Richard. *De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. Coleção Protestantismo e Libertação, 1984;

SILVA, Elizete da. Engels e a abordagem científica da religião. In: MOURA, Mauro Castelo Branco, FERREIRA, Muniz & MORENO, Ricardo (orgs.). *Friedrich Engels e a ciência contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2007;

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1998;

SILVA, Elizete da. Protestantismo e Representações Políticas. In: BRANDÃO, Silvana. *História das Religiões no Brasil*. Recife, UFPE, 2002, p.591;

SILVA, Elizete da. Protestantismo e Teología de la Liberación. In: GONZALEZ, Alfredo Prieto Gonzalez & CALZADILLA, Jorge Ramirez. *Religion, Cultura y Espiritualidad a las Puertas del Tercer Milenio*. Habana: Caminos, 2000;

SILVA, Elizete da. *Protestantismo Ecumênico e Realidade Brasileira*. Trabalho de Pleno. Feira de Santana, UEFS, 2007.

SILVA, Elizete da. Protestantismo: Visões do Progresso e do Trabalho no Brasil. In: *Humanas – Revista do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – UEFS*. Feira de Santana, Ano 1, nº 2, jul./dez. – 2002;

SINNER, Rudolf von, WOLFF, Elias & BOCK, Carlos Gilberto. (orgs.). *Vidas Ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Padre Réus, 2006;

SOUZA, Beatriz Muniz de & MARTINO, Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da Religião e Mudança Social*. São Paulo, Paulus, 2004;

TEIXEIRA, Marli Geralda. *“nós, os batistas...” Um Estudo de História das Mentalidades*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1983;

THOMPSON, Edward. Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol I e II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004;

THOMPSON, Edward. Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 3ª edição

TORRES, Camilo. *Cristianismo e Revolução*. São Paulo. Global, 1991;

WAINSTEIN, Bárbara. *(Re) Formação da Classe Trabalhadora no Brasil (1920-1964)*. São Paulo: Cortez Editora, 2000;

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967;

FONTES

Fontes Eclesiásticas

- *Jornal O Batista Baiano*; (Seminário Teológico Batista do Nordeste - STBNe)
- CÉSAR, Waldo.(Org.) *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro, Vozes, 1968;
- CAVALCANTI, Ébenezzer Gomes. *Os Batistas e o Ecumenismo*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1970;
- PEREIRA, J. Reis. Mensagem dos Batistas para o mundo atual. In: *Atas da 52ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira*, Salvador, 21 a 28 de janeiro de 1970; (STBNe)

Fontes Não-eclesiásticas

- RAMALHO, Jether Pereira (Org.). *Las Migraciones Internas*. ISAL, Uruguay, 1968;
- MENEZES, Maria Bernadete de Almeida. *Desenvolvimento e Mendicância em Feira de Santana*. Trabalho de Conclusão de Curso, UCSAL, 1968, p.20;
- *Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Feira de Santana*; (Biblioteca Central Julieta Carteadó – BCJC)
- *Jornal Feira Hoje (1972 - 1975)*; (Biblioteca Setorial Casa do Sertão – BSCS)
- *SIM. Projeto de Carta de Recomendação do Projeto do SIM*, escrita pelo Prefeito João Durval Carneiro e endereçada ao Rev. Dr. Eugene C. Blake, Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas. Feira de Santana, 22 de outubro de 1969; (SIM)
- *triagem, atendimento, capacitação e integração de migrantes na comunidade, e de análise e estudo sobre o fenômeno migratório brasileiro notadamente o nordestino*, Feira de Santana, Bahia – Brasil/ dezembro, 1973; (SIM)
- *Relatório Atividades do SIM*. Feira de Santana, 1973; (SIM)
- *Relatório de Um Ano de Trabalho do SIM*. Feira de Santana, 1975; (SIM)
- *SIM. Trabalho Estatístico*, 1975; (SIM)
- *Revista Panorama da Bahia*, 1985;(Biblioteca Municipal de Feira de Santana)

- MELLO, Josué da Silva. Feira de Santana: cidade de futuro. In: *Sitientibus*. Feira de Santana: Uefs, vol. 1, 1984, p. 79;
- MELLO, Tecla Dias de Oliveira. *Uma Experiência de Dez Anos da Escola SIM*. Dissertação de Mestrado, Salvador: UFBA, 1986;
- MELLO, Josué da Silva. *SIM: Um relato de 23 anos*, Feira de Santana, 1991; (SIM)
- IBGE Cidades. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>;

Fontes Orais

- Entrevista com João Dias de Araújo, concedida à autora em 07/12/2007;
- Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 22/12/2007;
- Entrevista com Tecla Mello, concedida à autora em 14/07/2008;
- Entrevista com Josué Mello, concedida à autora em 14/07/2008;
- Entrevista com Senhor Raimundo dos Santos, concedida à autora em 12/08/2008.

Fontes Memorialísticas

- ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição sem Fogueiras (Vinte anos de História da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1954-1974)*. Rio de Janeiro. ISER, 1985;
- ARAÚJO, Ithamar Bueno Dias de. *Um ideal bem vivido: dados biográficos de João Dias de Araújo*. Feira de Santana, 2002;
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 38;

Fontes Iconográficas

- Mapa de Feira de Santana;
- Imagens da Inauguração do SIM;
- Imagens dos Migrantes chegando ao SIM;
- Imagem da situação em que chegavam os Migrantes em Feira de Santana;
- Imagem do Atendimento Médico;
- Imagens dos Migrantes durante o Processo de Triagem;

- Imagem dos Migrantes no Refeitório do SIM;
- Imagens dos Migrantes antes do SIM, as condições habitacionais;
- Imagens dos Migrantes em processo de treinamento e instalações do SIM;
- Imagem da Cerimônia de encerramento de curso;
- Imagens do INED (cedida por Elizete da Silva).

ANEXOS